BRAVOS DO OESTE

M.L. ESTEFANIA

INVESTIGAÇÃO ACIDENTADA

INVESTIGAÇÃO ACIDENTADA

Colecção
BRAVOS DO OESTE
N.º 230

Copyright
EDITORIAL ANDINA, S.A.

Título original
INDAGACION ACCIDENTADA

Depósito Legal N.º 11399/86

Composição e impressão
TIPOCROMIA AGUIAR, LDA.
Rua de Santo António á Estrela, 114-A — 1300 LISBOA

Todos os direitos reservados para Portugal em conformidade com a Lei, na apresentação, distribuição e conjunto da obra. Distribuidores e depositários: AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS em Lisboa, Porto, Coimbra e Faro

M. L. ESTEFANIA

INVESTIGAÇÃO ACIDENTADA

Tradução de

CARLOS SANTOS NEVES

EDIÇÃO DA

AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS

LISBOA • PORTO • COIMBRA • FARO

AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS

LISBOA • PORTO • COIMBRA • FARO

Colecções

ANDORINHA
ARIZONA
BISONTE
BRAVOS DO OESTE
BÚFALO
CAMÉLIA
CARABINA DE OURO
CARÍCIA
CARLOS SANTANDER
CONQ. DO OESTE
CORADO
F. B. I.
GALÁXIA
KUNG - FU
MADREPÉROLA
MÃOS NO AR
ORQUÍDEA
PATRULHA DE COMBATE
PIMPINELA
PÓLVORA
RURAIS DO TEXAS
ROSA
SELENE
SÍLVIA
TERROR
ZZ 7

Volumes publicados:

218 — A SOMBRA DO ENFORCADO
219 — OURO PARA JUAREZ
220 — TRÊS REBELDES
221 — TEMPOS MAUS
222 — CARNE PARA PRESIDIO E FORCA
223 — CONCHO
225 — A SEMENTE DO ÓDIO
226 — NOITE VIOLENTA
227 — O BOM E O MAU
228 — UM VAQUEIRO DO LESTE
229 — CONDENADO À MORTE

Próximo volume:

231 — CAÇADA IMPLACÁVEL

I

CAPíTULO

Dan Sherman ouvia, sem compreender, as palavras do juiz.

O seu pensamento não estava junto do que a autoridade dizia, mas sim na triste e desagradável notícia da morte do seu grande amigo, a quem tanto devia.

O juiz continuava a falar.

— Como morreu ele? — perguntou Dan subitamente.

— O médico disse que ele se encontrava doente havia já algum tempo. Não quis que soubesses... Quando ele soube a verdade, fez um testamento a teu favor. Quer dizer, deixou-te o Rancho que havia sido adquirido pelos dois... e toda a ganadaria. Realmente, o que fez foi doar-te a sua parte, porque a metade já te pertencia...

— Nesse testamento não fala na sua família?

— Não. Apenas de ti. E é bem lacónico.

Dan recordou o que certo dia dissera aquele seu amigo agora falecido... Forám palavras soltas num «saloon», ao ver uma das empregadas.

De uma maneira inconsciente, ao fixá-la, disse que Linda devia estar como ela. E acrescentou algo a respeito da filha.

Mas nunca mais voltou a falar disso a Dan e este não se atreveu a perguntar-lhe.

Era muito o que devia a Emil. Muito! Foi recolhido por ele com várias feridas no corpo, pelo que sem a sua ajuda teria morrido inevitavelmente.

Durante várias semanas foi tratado por ele e, depois de curado, dedicaram-se a conduzir gado para Dodge. As suas manadas eram sempre mais importantes de viagem para viagem, porque os lucros eram empregados para aumentarem as compras.

E assim puderam adquirir o Rancho onde concentravam o gado. Possuiam gado já com o ferro de ambos, embora continuassem a ganadeiros que confiavam neles e lhes entregavam as reses para serem vendidas em Dodge. E, uma vez a venda efectuada, entregavam a cada ganadeiro a importância acordada pelas reses confiadas.

Tinham a sua equipa a quem pagavam bastante bem, porque os lucros obtidos permitiam isso.

Lamentava nada saber de Emil, para poder atender a famíla. Tinha a certeza de que, pelo menos, existia uma filha, mas, onde procurá-la?

No entanto, lembrou-se que tiveram um condutor que conhecera Emil antes que ele...

E este rapaz, que se fizera muito amigo de Dan, partira com um ganadeiro de Waco.

Sentia um remorso intenso. Tinha a certeza de que se estivesse ao lado de Emil, antes da sua morte, aquele lhe teria falado da sua filha e do resto da família, se se desse o caso de a possuir.

Dedicou-se a indagar entre os que haviam sido amigos de Emil nessa zona, precisamente naquela em que adquiriram o Rancho.

A ninguém dali ele havia falado da família.

Havia em Emil qualquer coisa que não sabia definir,

que o diferenciava bastante dos outros vaqueiros por si conhecidos.

A sua maneira de falar, e as suas atitudes, denunciavam-no como um verdadeiro cavalheiro. Do homem habituado à comodidade e até mesmo ao lazer, embora fosse hábil a escondê-lo.

Devia-lhe a vida e também ter sido um travão ao seu temperamento belicoso. Falou-lhe como ninguém, talvez com a experiência da sabedoria, a respeito da vingança, da contenção dos impulsos; procurando sempre que a vida não ficasse em risco na luta.

Dan também não era um vaqueiro vulgar. E talvez por isso calasse fundo no íntimo desse homem.

Tinha sido mandado a estudar. Estudos que não poude concluir por causa de circunstâncias especiais que concorreram para isso.

Tinha-se visto obrigado a matar certas pessoas na sua cidade, que abandonou, não por medo dos parentes ou amigos das vítimas, tão oportunistas como estas, mas por medo de si próprio e atendendo aos conselhos da irmã. Esta, assustada por conhecer o carácter do irmão, pedira-lhe que se afastasse de Dallas por uma temporada.

Temporada que se transformou em anos. E durante esses anos passou a ser amante das marcas das suas armas que enchiam as coronhas.

Na realidade não havia feito mais do que defender a própria vida, cada dia mais ameaçada por aqueles ambiciosos da vaidade. Provocavam-no só por, pouco a pouco, se tornar um personagem legendário como «gun-man».

Terminadas as suas pesquisas, com o maior dos fracassos, no seu afã de averiguar algo de Emil, decidiu tranquilizar-se durante uns dias.

Passaram-se duas semanas sem que saísse do Rancho.

Ele, que havia sido um lobo solitário, principiava a sentir o peso da solidão provocada pela morte do amigo.

Sabia que Emil havia estado na prisão durante uns anos; mas ignorava onde. E desconhecia o verdadeiro nome do amigo para escrever, tentando averiguar em que penitenciária havia estado detido. Por quem iria perguntar?

Pensava muito acerca dele; mas não lhe restavam outras esperanças que não viessem de Mike.

Pensando uma noite à porta da vivenda do Rancho, decidiu ir a Waco. E como não queria deixar a propriedade a ninguém, decidiu também vendê-la juntamente com o gado. E guardar o dinhero para o caso de encontrar a família... do querido amigo.

Falou disso a um dos vaqueiros

— Será que pensa vender este belo Rancho?!... — exclamou o vaqueiro.

— Quero ir para casa.

— Pode ir e regressar... Já sabe o que acontece. Se cheirar a que tem pressa, não vão oferecer-lhe mais que uma miséria .

— Bom... vou pensar no caso — respondeu Dan.

E dirigiu-se a Crowell. Pouco visitava aquela povoação. Receava que algum vaqueiro que por ali passasse, o reconhecesse de quando da sua fama de pistoleiro perigoso.

Entrou no bar existente no largo.

Era conhecido, embora não fosse um cliente habitual. Havia ali estado algumas vezes com Emil, que era quem mais o frequentava.

No Oeste havia muitas mulheres que eram donas de bares. Era a aspiração máxima das empregadas de «saloon». Assim que possuiam algumas poupanças para isso, conver-

tiam-se em proprietárias. Por esse motivo elas eram em grande número.

A dona olhou sorridente para Dan, cumprimentando-o com afacto, lamentando ao mesmo tempo a morte de Emil. Era a primeira vez que o via depois disso.

Não podia faltar aqueles que por uma razão ou outra, não estimavam os ganadeiros que consideravam competidores e, no caso de Emil e Dan, que consideravam oportunismo terem comprado um Rancho que eles desejavam, mas que não chegaram ao preço por eles oferecido.

Emil ocultara de Dan o que se passava com esses ganadeiros, escudado nas poucas visitas que aquele fazia ao povoado. E conhecedor do temperamento do amigo, preferiu não lhe falar acerca do que esses ganadeiros diziam.

Emil tivera que ir falar com o xerife, pedindo-lhe que chamasse à atenção os dois homens, antes que o obrigas-sem a calá-los, pois Emil era tão violento como Dan, embora estivesse sempre a recomendar-lhe calma.

A partir dessa visita os outros ganadeiros não ligaram importância a esses dois e diziam que deviam ter oferecido mais pelo Rancho, evitando assim ter sido comprado pelos actuais proprietários. Verificaram que essa era a razão do ódio que devotavam a Emil e a Dan.

Mas eles não cediam e, quando souberam da morte de Emil, disseram que era de menos um ladrão no Oeste.

A dona do bar, pensando que Dan estava ao corrente do que se passava, contou-lhe o que esses ganadeiros comentavam e pediu-lhe para não lhes ligar importância.

Foi então quando soube da visita do xerife e dos ganadeiros ao Rancho. Fazendo crer que estava informado, fez com que a mulher falasse. O rosto de Dan parecia de gra-

nito. Mas no seu interior ardia um vulcão. Quando ela acabou de falar, disse:

— Com que então continuam a dizer que somos uns ladrões, apesar daquela visita ao Rancho!

— Não lhes liguem importância. Sabem que estão despeitados por não terem ficado com a propriedade.

— Mas o xerife ouviu as suas acusações e foi com os ganadeiros, sem deter os caluniadores, pois de calúnia se tratava... Não é verdade que não os castigou nem os deteve?

A mulher olhou mais atentamente para Dan e apesar do sorriso deste compreendeu que não fizera bem falar-lhe do que, agora tinha certeza, Dan desconhecia.

— O xerife foi para convencer os outros ganadeiros que não era verdade o que os outros dois diziam. Nunca admitiu a menor suspeita.

— Mas fez a visita acompanhado porque, talvez no fundo, ele próprio duvidasse.

— Garanto-te que não é assim — disse ela, já assustada.

— Pobre Emil!... Nada me contou!... E esses cobardes continuam a ofender a memória do bom amigo. E o xerfie não os incomoda!

Dan sorveu lentamente a bebida, passeando o olhar pelo recinto.

II

CAPÍTULO

A dona, que já havia rodado por muitos bares similares e conhecia os homens, olhava para Dan com certo medo. Via nele um indivíduo bastante perigoso.

— Que disseram os outros ganadeiros quando visitaram o Rancho?

— Insultaram os outros dois e, a partir de então, não lhes ligam importância.

— Mas eles insistem em dizer que somos ladrões. Não é assim?...

— Bom... Há que ter em conta que estão despeitados... Queriam o Rancho para eles.

— Não é nossa culpa que no-lo tenham vendido.

— Porque eles ofereceram muito menos.

— Isso não é razão para dizerem que somos ladrões. E, além de mais, não deviam insultar um morto...

Ela não soube o que replicar e tornou-se muito pálida ao ver entrar o xerife. Este dirigiu-se a Dan, manifestando os seus pêsames pela morte de Emil, de quem teceu elogios, afirmando que devia ter sido um cavalheiro. Essas palavras desarmaram o jovem. A proprietária do bar não deixava de fitar o rosto de Dan.

— No entanto — disse este, com naturalidade — apesar de pensar dele dessa forma, ouviu as palavras de dois cobardes e visitou o nosso Rancho em busca de gado alheio.

— Eu sabia que nada ia encontrar. Fiz isso para acabar com uma campanha injusta. E, só visitando o Rancho com ganadeiros, teria força moral para pedir que se acabasse com esse rancor, pois é disso que se trata, por eles não terem conseguido esse Rancho.

Apesar do seu aborrecimento, Dan compreendia que a atitude do xerife havia sido correcta.

— O seu sócio pediu-me, como favor especial, que nada disto lhe dissesse. Não queria desgostá-lo — acrescentou o xerife —. Todo ele era bondade.

— O senhor não devia castigá-los por essa difamação?

— Pensei o suficiente para saber que não lhes deram o menor crédito. E perderam a amizade de muita gente. O próprio Emil pedira-me que não ligasse muita importância ao assunto. Ele desprezáva-os.

— Mas depois de morto, continuam a dizer que ele era um ladrão...

— Não ouvi falar disso...

Dan lançou um olhar à proprietára, que não perdia uma palavra do que dizia.

— É verdade... — corroborou a mulher —. Insistem em dizer que era um ladrão.

— Eu lhes direi que...

— Nada lhes dirá, xerife — cortou Dan, com a maior serenidade —. Mas aviso-o de que vou matar os dois e pendurá-los. E, por favor, não me incomode depois... Seria capaz de o matar também! E creia que estava disposto a fazê-lo; mas é possível que agisse de boa-fé. Não me agradaria ser injusto. Mas quando eliminar esses dois cobardes, não me diga nada.

O xerife estava impressionado. Dan não elevou o tom

da voz, mas havia qualquer coisa nele que atemorizava o representante da autoridade. Encontrava-se tão desconcertado que não sabia o que dizer. E Dan notou que a proprietária do bar ficou nervosa com a entrada de dois novos clientes.

Dan não os conhecia, mas foram eles que se deram a conhecer, quando se aproximaram do balcão e um deles disse:

— Um dos seus vaqueiros acaba de dizer que vai vender o Rancho... É verdade?

— Ainda não sei se o farei...

— Quantas viagens fizeram ao caminho de ferro com gado roubado para poderem adquiri-lo?...

O xerife ia intervir, mas Dan adiantou-se, dizendo:

— Deixe-o falar. É ganadeiro?...

— Não me conhece? Sou o capataz de Baxter.

— Ah!... Onde está o cobarde do teu patrão?

— Xerife! Está a ouvi-lo insultar o meu patrão? Não me diga mais tarde que sou um desordeiro...

— Fica tranquilo, não te dirá nada porque para ti não haverá «depois». Dizer que o teu patrão é um cobarde, não constitui qualquer insulto, como se disseres que me chamo Dan.

— Não estás a regular — disse o outro — e o xerife não vai intervir. Não podíamos pensar que esse Rancho ia ficar tão cedo libertado de ladrões... Um já morreu e...

— Estão preparados os dois?... Vou acabar com vocês! Defendam-se, não pensem que vou agir com vantagem! Prontos?

Os dois homens tentaram defender-se, claro...

Tranquilamente, recarregou as armas. Os dois provoca-

dores jaziam no solo sem vida e sem olhos. Essa circunstância não foi notada de imediato.

Porém, o xerife foi o primeiro a verificá-la, ao olhar para eles.

Empalideceu intensamente e, tremendo, fitava o jovem que bebia, com toda a serenidade parte da cerveja que tinha na caneca.

— Não tiveram sorte ao sentirem-se valentes e provocadores — disse Dan —. Entraram decididos a incomodarem-me e dispostos a dispararem sobre mim. Devem ter sido encarregados para isso.

E não se enganava. Os dois ganadeiros que tanto falaram, ao saberem que ele se encontrava no bar de Helen, enviaram os dois homens. E esperavam, confiados, o resultado dessa visita.

— É possível que este rapaz tenha herdeiros — dizia um deles.

— Mas até que cheguem...

— Não esperes que o xerife nos deixe entrar nesse Rancho.

— Mas o gado pode passar para os nossos pastos...

— O que importa é que desapareçam. Vieram tirar-nos o Rancho.

Um amigo que se encontrava presente, disse:

— Vocês não estão a ser justos. Eles não têm culpa alguma. Pediram-lhes uma quantia e eles pagaram.

— Mas se não a dessem, o Rancho seria nosso há muito tempo.

Nesse momento, um vaqueiro aproximou-se, dizendo:

— Baxter! Não conte com o seu capataz nem com o outro. Morreram os dois. Foram mortos pelo sócio do Emil...

Sem vantagem. Avisou-os que se defendessem porque ia matá-los. Furou os olhos de ambos.

Os ganadeiros levantaram-se de um salto.

— Não é possível!...

— Não tem mais que ir ao bar. E disse que também vos matará... Apre! Tem uma maneira de sacar e disparar! Só demos conta quando ele começou a recarregar as armas... Uma coisa assombrosa! Dizem no bar, que, por isso, Emil não contou ao sócio o que vocês diziam.

Deixaram dinheiro sobre o balcão e ambos saíram, completamente assustados. Estavam dominados por um pânico extremo. Sem trocarem uma palavra, ambos se encaminharam para os Ranchos respectivos.

Quando a esposa de Baxter soube, por este, da ocorrência, disse:

— Devias tê-los deixado em tranquilidade. Perdeste esse Rancho por seres miserável. Pensavas que aceitavam a miséria que ofereceste. Não se deve culpar os compradores.

— Se eles não tivessem aparecido, o Rancho seria nosso.

— Tu nunca foste bom... Que vais fazer?

— Pedir aos rapazes que se encarreguem dele... Podem alvejá-los à distância.

Porém, quando foi falar aos vaqueiros, que acabavam de se informar da morte de Williams por um companheiro, fitaram-no muito sérios.

— O próprio Williams procurou a morte. Tal como Martyn.

— Mas é preciso vingá-lo e...

— Não se incomode. Foi você quem o enviou, porque insiste no caso do Rancho, que já não poderá ser seu. E se se sente tão dorido, o que deve fazer é procurar quem matou o Williams. O que vocês, os dois, fizeram, ao

terem conhecimento do caso, foi fugir da povoação. E não creio que essas mortes sejam as únicas dadas por quem demonstrou do que é capaz com as armas.

— Vocês não passam de uns cobardes!... — Gritou Baxter.

— É um assunto que deve ser solucionado por si.

— Despedidos! Estão todos despedidos! Procurarei quem não tenha medo.

— De acordo — disse um. — Comece já a pagar-nos!

Baxter encaminhou-se furioso, para a outra vivenda.

— Não te atenderam, não é isso? — observou a esposa —. Fizeram bem. Não são guerreiros. São «cow-boys».

— Cala-te!... — gritou furioso.

Dan, entretanto, pensava que, depois de castigar esses dois cobardes, venderia o Rancho com o gado e ir-se-ia embora, tentando encontrar a filha de Emil.

Passaria por Dallas para visitar a irmã. Não lhe escrevera, embora tivesse notícias dela por uns Rurais que conheciam Greer e, naturalmente, Tony Burns, capitão dos Rurais, colocado em Fort Worth, a poucas milhas de Dallas. Os agentes que a este perguntavam por Greer, diziam que se tratava de um vaqueiro, que devia ser de Dallas, quem se interessava por ela. Tony ao pedir os sinais desse vaqueiro, soube logo que se tratava de Dan, que supunha estar integrado em alguma equipa de condutores. E ria-se com as histórias que contavam acerca de Dan.

Para os inimigos de Dan, em Dallas, foi mau saberem que Tony havia sido transferido para Fort Worth. Fora companheiro de folguedos dos dois irmãos e estimavam-se como se se tratasse de famliares. Havia já algum tempo que Dan não tinha notícias indirectas da irmã, mas ao saber que Tony fora transferido para tão perto, ficou tran-

quilo. Tinha a certeza de qua ele ajudaria a rapariga, se tal ajuda fosse necessária.

Pensava, sorrindo, que já há bastantes anos ela e Tony estavam enamorados, embora nada dissessem nesse sentido. E dizia para consigo que, quando chegasse a Dallas talvez os encontrasse já casados.

Entretanto, o xerife foi-se tranquilizando pouco a pouco, depois de ver o esvaziamento dos olhos.

— Lamento ter matado estes cobardes na sua frente — disse-lhe Dan —. Claro que faltam os mais importantes. Aqueles que lhes ordenaram a piedosa missão de acabarem comigo.

— Não há dúvida que vinham dispostos a provocar-te — disse Helen.

— Vinham para disparar — acrescentou Dan —. Deviam considerar-se muito superiores com as armas, quando não passavam de novatos. Tinham fama de serem rápidos?

— Claro que sim — respondeu o xerife —. Estavam considerados como os mais velozes e seguros do Condado.

— Foi por isso que morreram. Certamente receberam algum dinheiro.

Minutos mais tarde, Dan despediu-se.

Horas depois entraram no bar os vaqueiros de Baxter que se tinham despedidos, já que ele tentara rectificar, mas que eles não aceitaram essa rectificação e decidiram ir-se embora.

Contaram a Helen o que se tinha passado com Baxter.

— Não compreendo esse ódio a quem nada lhe fez. Se ele não tem esse rancho, é porque ofereceu uma miséria ao vendedor.

— Culpou os dois sócios de o privarem de ficar com o Rancho por terem oferecido mais dinheiro.

— É uma parvoíce pensar assim...

Na manhã seguinte, o xerife foi arrancado da cama bastante cedo.

Frente ao bar-cantina de Helen, estavam a pendurar os dois ganadeiros.

— Dan Sherman! — exclamou o xerife. — Depois do caso de ontem, estavam condenados.

— E embora te surpreenda, é justo.

— Estou de acordo. Falaram demasiado. E não penses que não tive medo frente a esse rapaz, por ter escutado Baxter e visitar o rancho para comprovar que não havia reses de diferentes ferros.

— Isso representava dúvida, pelo menos pela tua parte.

Deixaram de conversar quando, ao baixarem os dois cadáveres, se apresentou a esposa de Baxter.

— Não fez caso do que lhe disse... — observou —. Pedi-lhe para se afastar o mais depressa possível desse assassino. É de esperar que o xerife o enforque por isto. Esteve a espreitar a casa e assim que apareceu disparou sobre ele. Ia preparar o cavalo para se afastar muito cedo...

— Tens que ter em conta que ele enviou dois vaqueiros com ordens para dispararem sobre esse rapaz. Bem sabes que há muito tempo ele dizia que eram ladrões.

— Não será ladrão, mas está demonstrado que é um pistoleiro — disse a mulher.

Duas outras mulheres, amigas. Aproximaram-se para a consolar.

— Estou completamente tranquila. Censurei a cobardia de chamar ladrões aos dois sócios, mas o que este fez

é demasiado. Assassinou quatro homens! Foi um crime que ele cometeu.

Entretanto os cadáveres foram transportados para a agência funerária.

O outro ganadeiro era viúvo e vivia sozinho. Para os vaqueiros, a sua morte representava tomarem conta do Rancho, até que chegasse uma filha que vivia no Kansas. Mas o juiz ordenou ao xerife que controlasse o gado existente no Rancho.

III

CAPíTULO

— Querem calar-se? Assim não há forma de se entenderem... O facto de essa rapariga se ter aproveitado até agora desses pastos, não quer dizer que possa provar pertencerem-lhe.

— Os vaqueiros sabem que deve existir nesta povoação alguém que trabalhou nesse Rancho e nos que confinem com ele?...

— E não pode ela estar metida nos vossos terrenos? Vamos montar umas torres de perfuração nessa zona e ela que apresente documentos em como essa terra lhe pertence.

— Tenham em conta que, se conseguimos fazer jorrar petróleo, receberão uma fortuna que jamais sonharam.

— Mas esses terrenos pertencem aos irmãos Sherman.

— Estamos a dizer que eles não podem provar que esses pastos lhes pertencem.

— E eu digo que há muitos vaqueiros que trabalharam nesse Rancho e conhecem bem os seus limites.

— Pense que as palavras não são documentos. E, sem eles, nada se pode provar. Em contrapartida, com esses escrúpulos, vocês podem perder uma verdadeira fortuna.

Os ganadeiros eram ambiciosos e quando lhes falavam de milhões, perdiam a noção do que era justo.

— Bom... — disse um deles —, na realidade, eles também podiam estar durante todo este tempo nos nossos pastos.

— É isso o que devem pensar e o que dirão às autoridades, se elas se referirem ao caso. Que provem, com documentos que os terrenos pertencem a essa rapariga e ao irmão. No entanto, não creio que este se apresente. Ouvi dizer que é um pistoleiro e salteador e não se atreverá a aparecer porque seria enforcado.

— Não me parecem bem informados acerca disso. O que Dan fez é o mais justo que se faz no Texas.

— Não dizem que se transformou num salteador?

— Diz-se muita coisa. E, naturalmente, se ele aparecesse por cá e visse torres montadas nos seus pastos, todos os dias iria caçando uns quantos dos que se atreveram a isso.

— Não deve recear tal coisa. Se esse pistoleiro aparecesse, encontraria pela frente homens que sabem lidar com tipos assim... Fique tranquilo.

Estimulada a ambição desses ganadeiros, os chamados técnicos dispuseram-se a montar torres de perfuração de vinte em vinte metros.

Quando Greer viu isso, apressou-se em falar com o xerife.

O representante da autoridade, olhou sorridente a rapariga e disse:

— Antes, vieram falar-me. Parece que és tu quem se meteu nos pastos de Douglas e Harrold.

Ela fitou-o, devolvendo o sorriso.

— Serás um estranho nesta terra? Não saberás o que é nosso e o que pertence a esses dois?

— Não faço mais que repetir o que me disseram. E para mais segurança falei com o juiz que me asseverou que terás que provar, com documentos, que as terras te pertencem.

— Não será o contrário? São eles que devem provar o que dizem. Essas terras são nossas há já muitos anos. Ofereceram-te muito por isto?

— Não sabes o que dizes...

— Não me enganas... Mas não sabes bem o que fazes. Estás a jogar a vida. Nunca pensei que a inveja te levasse até esse ponto.

— Não me faças perder a calma. Tens que pensar que devo ser respeitado.

— De verdade?!... Pensas que deve ser respeitado o cobarde que ajuda a que me roubem esses pastos?

— Prova que são teus...

Greer sorria ao fitar o xerife.

— Como és cobarde! — exclamou —. Folgo em que isto aconteça para conhecer as pessoas. Serão eles que irão provar que, ao cabo de tantos anos, aquelas terras lhes pertencem. Mas fica tranquilo. Tudo se arranjará! Não acredites que estejam sozinhos. Tu e o cobarde do juiz.

Greer abandonou o escritório, deixando o juiz muito preocupado.

A rapariga pensava agora que, o que se comentava em Dallas era verdade. As autoridades estavam de acordo com os oportunistas vindos de longe. Para não misturar no caso o seu bom amigo Tony, havia escrito para Austin, relatando o que se passava, mas não recebera resposta à sua carta. No entanto não estava a ser justa. Por que por ordem do Governador foi comunicado ao xerife de Dallas que um delegado iria ver o que se passava com o Rancho

de Greer. E tanto assim era que, no dia seguinte à visita de Greer ao xerife, este recebeu a comunicação oficial e, muito assustado, correu ao escritório do juiz, contando a este o que se passava.

— Não me diga nada! — exclamou —. Acabo de receber uma carta do fiscal geral no mesmo sentido. Estou assustado.

— Pois eu não sei o que fazer...

— Não há dúvida que é uma grande contrariedade. Invertermos a ordem das coisas. Os outros é que devem provar com documentos, que têm direito a autorizar a montagem dessas torres. Será muito difícil, depois de tantos anos esses pastos terem sido respeitados por eles como propriedade dos Sherman.

— Que acontecerá quando esse delegado souber que Greer nos veio falar e nos rimos dela?

— Temos apenas uma solução ao nosso alcance. Obrigar a sair os que se encontram no Rancho de Greer.

— E quanto antes o fizer-mos, melhor.

— Não pensarão que estamos assustados?

— Que nos importa isso?

— Não vão obedecer.

— Temos obrigação de os fazer sair...

— Apesar de tudo, o técnico disse parte de uma verdade.

A rapariga tem que provar que eles não podem montar essas torres de perfuração. Terá que fazê-lo com documentos à vista.

— Não nos esquecemos de alguém importante? Refiro-me a Tony. Passou a sua infância brincando nesse Rancho... Será que também vamos enganá-lo? Aborrecido, não é para festas. Além disso dispõe de uma Divisão de Rurais.

Poderemos convencê-lo de que deve ser ela quem terá de provar a propriedade?

— Sim... Creio que estamos metidos num mau assunto. E como se isso não bastasse, existe o Dan...

— Esse não virá.

— Porquê?... Não existe uma reclamação. Revi todos os editais... Não tenhamos dúvidas. Poderá vir quando quiser... E se vier, não lhe acenemos com a Lei. A sua rubrica é o chumbo.

— Está bem. Vamos fazer sair os trabalhadores que se encontram no Rancho.

Ficou finalmente decidido que o xerife fosse dar a ordem de suspensão.

Quando apareceu no local onde erguiam a torre de perfuração, «mister» Boardman, director dos trabalhos, exclamou:

— Que surpresa tão agradável! Veja xerife... Isto marcha...

— Não creio que a minha visita seja para si tão agradável como pensa.

— Não compreendo.

— Está bem claro. É preciso suspender tudo isto. Ordens do Governador. Do fiscal geral e do juiz de Dallas.

— Você deve estar louco, xerife!

— O que faço é comunicar-lhe o que me ordenaram...

— Bom... Como já o fez, pode retirar-se — disse Harrold. — Por muito governador que o outro seja, que pode saber dos limites desta propriedade? Estamos nos meus terrenos. Nada disto pertence a Greer. Durante anos fui roubado do que me pertence, e é possível que eu reclame uma indemnização pelo prejuízo dos pastos durante todo esse tempo.

O xerife sorria. No fundo alegrava-se que o problema fosse enfrentado assim. Mas receava pela visita do delegado, anunciada pelos ofícios recebidos, quer por si, quer pelo juiz.

— Não esqueças que sou daqui.

— Escute, xerife — atalhou o director —, ela poderá provar que isto lhe pertence?

— De momento não há que provar nada. O que se deve fazer é suspender os trabalhos...

— Para isso ela terá que provar que este ganadeiro está equivocado.

— Estou a dizer-lhe que sou de Dallas, como ele sabe. E não me vão dizer que esta parte do Rancho dos Sherman lhe pertence. E, como eu, há dezenas de pessoas que podem dizer o mesmo.

— Porque garante que, não foi ela quem, durante anos se aproveitou de pastos que não lhe pertenciam? Agora, essa rapariga terá que provar, com documentos, que este terreno lhe pertence.

— Depois de tantos anos, não é a ela quem compete fazer prova, mas sim a estes. São eles que devem demonstrar que estão no seu legítimo direito ao invadirem o que até agora pertence aos Sherman.

— Não nos vamos entender, xerife. Cumpriu as ordens que lhe deram. Deixe o resto à minha responsabilidade. Vamos a Austin e garanto-lhe que tudo se esclarecerá.

— Vou dar-lhe o prazo de dois dias para que tudo isto seja demonstrado.

— Espero que, dentro desse mesmo tempo, seja você a mudar de atitude... — disse o director.

O xerife regressou à povoação. E narrou ao juiz o que passara.

— Bom! — observou o juiz —. Cumprimos o nosso dever!... E é verdade que os Sherman há muitos anos se aproveitam desses pastos; mas, poderão provar legalmente que lhes pertencem? No registo figura apenas a propriedade do Rancho. Não figuram registos de medidas. Nomeia apenas os proprietários confinantes em cada ponto cardeal.

— Nós sabemos que isso pertence a Greer... Não somos forasteiros como o director desses trabalhadores.

— Garanto-te que, quando chegar esse delegado e me escutar, terá que admitir que o que eu disser é bastante justo.

— Porém, o que dizes pode ser aplicado a esses ganadeiros. Poderão eles provar que são donos daquilo que durante anos disseram ser pertença dos Sherman? Seria melhor que deixassem tudo como estava, até que o litígio se esclarecesse. Portanto, essas torres terão que desaparecer.

— Vejo que ficaste bastante assustado com o anúncio dessa visita... Eu pensei mais serenamente e cheguei à conclusão de que nada nos podem dizer ou fazer.

— No entanto, vai pensando também em Tony e em Dan. Que pensas que dirão quando virem as torres erguidas nos terrenos que até agora pertenceram aos Sherman? Não penso que nenhum deles recorra à Assembleia. Lembra-te do que o Dan fez... Com que simplicidade matou aqueles três!... E tinham de ser o melhor que existia com uma arma na mão.

— Bom! É possível que pense num castigo pelo que fez e pelo que faz, segundo dizem por aí...

— Há alguma prova disso?!... Se pedirmos provas para isso, temos de as apresentar para corroborar o que se

diz. O que sabemos é que, em todo o Texas, não há a menor reclamação sobre Dan.

— Mas é que ele andou pelo Kansas e Novo México.

—Há alguma reclamação conhecida?

— Diz-se muita coisa...

— Não se pode afirmar seja o que for. E a primeira coisa que Tony nos obrigava a fazer era provar, como autoridades, o que se fala dele.

— Apesar de tudo, quem é Dan?

— Você tem estado a dizer que é um pistoleiro.

— E nós não temos armas?

Quando Harrold chegou ao Rancho contou à esposa o que ouvira do xerife.

— Vocês pensam que vão enganar alguém que seja daqui? É uma tontaria andar por aí agora, dizendo que essa parte nos pertence! O que vais fazer é afastar-te desse grupo de oportunistas. Não são mais que isso. E não assines mais nenhum papel nem entregues mais um centavo sequer. Dá por perdido o que já entregaste, mas afastem-se deles. Já pensaste em Dan? E no Tony? E lembra-te que se Greer se enfada é tão perigosa ou mais que o irmão. No dia em que decidir sair de casa com uma carabina, quantos ficarão com vida?!... E se pensar que és responsável, como és, serás um dos primeiros a cair. Não!... Não continues nisto...

— Dei a minha palavra...

— Estavas cheio de ambição, porque esse «mister» Bordman sabe falar, mas seremos nós os primeiros a suportar o aborrecimento desses três.

— O que Bordman disse é verdade. Gree pode provar que o terreno lhe pertence?

— Menos podes tu fazê-lo, quando durante tantos anos eles tiveram lá o seu gado, sem que reclamasses uma só vez. O mesmo se passaria com Quincy... Maldita ambição!... Vai levar-te à corda ou à sepultura com uma excessiva dose de chumbo. Não te fiz na aparente tranquilidade de Greer!... E pensa em Tony... Quando aparecer por cá e lhe disserem que essa parte vos pertence, morrerá de riso. Quantas vezes ele brincou ali com os dois irmãos?

— Mas terão que provar...

— Cála-te com essa cantilena! Vocês é que devem apresentar provas de que o terreno vos pertence!

A mulher continuou a falar de Dan e Tony.

Por fim, unindo as palavras da esposa à notícia de chegada do delegado, Harrold principiou a ficar assustado.

Dirigiu-se à povoação para dizer a Bordman que se separava deles, não se importando de perder o dinheiro que havia adiantado.

Bordman pôs-se a rir e agradeceu o donativo que recebera.

— Mas não se esqueça — avisou —, que tenho uma autorização assinada por si para instalar torres nos terrenos que garante pertencer-lhe.

— Quando me perguntarem, direi que não tenho a certeza. E que penso estava equivocado ao afirmar que me pertenciam.

— O que pensa dizer não é de minha conta. O que vale é o documento que está em meu poder. De facto, não compreendo que afaste uma fortuna com essa sua atitude. Quando vir jorrar petróleo, deitará as mãos à cabeça...

— Se saísse seriam os Sherman os beneficiados. A minha esposa tem razão. Se Greer não saiu à liça é porque está bem aconselhada e vai permitir-lhes trabalhar para

que o petróleo, se sair, passe a ser sua propriedade. Por esse mesmo motivo é que Tony ainda não apareceu...

— Falam muito desse Tony... É outro pistoleiro?

— É o comandante da Divisão de Rurais de Fortwvorth. Bordman empalideceu.

— É amigo dos Sherman?...

— Brincaram muito nesses terrenos quando eram jovens. Conhece o Rancho desses irmãos como as suas mãos.

— Deviam ter-me falado dele!

— Foi transferido para aqui há pouco tempo. Andava pelo Pandhale... E não se assustará com as armas dos seus trabalhadores. Ele tem homens decididos e escudados pela Lei.

— Homens... Reconheço que é uma contrariedade ter o comandante dos Rurais contra nós.

— Uma contrariedade? Um perigo! E grave! Agora junte a Tony o irmão de Greer.

— Esse pistoleiro não me assusta.

Ao afastar-se do escritório de Bordman, Harrold sorria, pensando que se desligava da sociedade.

IV

CAPÍTULO

Ao ouvir a porta abrir-se, o xerife ergueu a cabeça para ver quem entrava. Tinha espalhados sobre a mesa todos os velhos pasquins que estiveram presos na parede e mais tarde dobrados e metidos numa caixa de cartão.

Ficou nervoso ao ver Rosa, a dona do «saloon» onde habitualmente ia.

— Que queres? Por que vens a este escritório?

— Apenas para perguntar se foste tu quem aconselhou esse jornalista a escrever tanta estupidez e mentira acerca de Dan.

— Garanto-te que eu sou o mais surpreendido.

Rosa riu.

— Vejo no teu rosto o desgosto de não encontrares anda entre tantos pasquins... Que vais dizer a Tony? Não penses que o enganas. Nem a vários Agentes que brincaram com Dan... Sabes que eles foram travados por Tony?... De contrário já tinhas sido arrastado por eles há muito tempo. Não desconhecem que és tu quem alimenta a campanha da difamação. E agora esse cobarde sai com esse artigo...

— Estou a trabalhar, Rosa! Como nada desejas de mim...

— Fica tranquilo!... E continua a folhear esses velhos pasquins. É possível que encontres algum relacionado com

membros da tua família... O teu tio Tom não se viu na necessidade de fugir antes que o enforcassem acusado de ladrão? E foi o pai de Dan quem se opôs a que se editassem avisos de procura sobre ele. Como vês, tenho boa memória. Disseste-o ao jornalista? Seria interessante que ele falasse disso.

Depois destas palavras, a mulher saiu.

Pálido, o xerife ficou sem se mexer.

Quando reagiu e saiu para interpelar a mulher e assustá-la, ela tinha desaparecido.

Rosa tinha regressado a casa.

Os clientes olharam-na com afecto. E um deles perguntou:

— Foste ao escritório do xerife?

Rosa fitou o indivíduo.

— Não te conheço — respondeu —. És daqui?

— Não é necessário ser daqui para se saber o que se passa. Se Dan Sherman aparece por cá e o xerife cumpre o seu dever, terá que o prender e enforcar.

— Já que pareces tão bem informado, podes dizer-me por que razão o xerife deve prendê-lo?!...

— Porque lemos o que ele tem andado a fazer por aí.

— Ah! Referes-te ao que esse cobarde escreveu?!...

— Não é uma loucura falares dessa forma, tendo uma casa como esta?

O homem pôs-se a rir, olhando em todas as direcções.

Ia replicar, mas um novo cliente que acabava de entrar, fez com que ficassem todos em silêncio.

— Donde saiu este valente?!... — perguntou Tony, pois havia sido ele que entrara.

O homem empalideceu ao reconhecer o Major.

— Não sei; é a primeira vez que vem a esta casa — respondeu Rosa.

— Tem mãos demasiado finas para ser vaqueiro e veste com muita elegância.

— Sou técnico de petróleos... — informou o aludido.

— Estás a ouvir, Rosa. É técnico.

— Certamente que trabalha com «mister» Bordman, não?

— É crime trabalhar para a Companhia da qual Bordman é director?

— Os que estão a montar torres no Rancho de Dan?

— Os ganadeiros Riddle e Quincy autorizaram, porque são os donos desses terrenos.

Tony desatou a rir.

— Diga a «mister» Bordman que não engana. E se ainda não os prendemos como ladrões de pastos é porque quero que encontrem esse petróleo que procuram em benefício dos Sherman. Se ele aparecer, nem meio litro será para essa Companhia. Aqui, sabemos o que pertence a cada um. E no que se refere a Dan, ele pode vir quando lhe aprouver. Esta é a sua terra e Dallas a sua povoação. E ninguém o incomodará... Também não vos incomodará se tiver tempo de falar com ele antes... É melhor que os tornem ricos sem que gastem um centavo.

— O senhor não entende disto, Major — observou aquele que falava, o primeiro a reagir.

— De verdade? — disse Tony, sorrindo.

— Se a Companhia obtiver petróleo será para ela.

— Esperemos que o façam sair.

— E não é verdade que Dan Sherman é um pistoleiro reclamado?

— Por quem? Não ligue ao que o jornal diz. Parece-me que Moster, o jornalista, escreveu de ouvido. O homem

procura agora lembrar-se de quem ouviu isso. Sabe que, enquanto não o fizer, não sairá do nosso forte em Fort Wtorh, para onde o levaram até que recupere a memória. E penso que é necessário você ajudá-lo, já que parece tão bem informado.

O janota viu o «Colt» que lhe apontavam ao peito.

— Eu... não!...

— Isso, no forte. Rosa! Queres avisar os agentes que se encontram à porta?

— Com muito gosto.

Instantes depois os agentes desarmavam o janota que, ao ser revistado, escondia no peito um pequeno revólver.

— Ena! — exclamou o agente, que encontrou o revólver —. Ele é mesmo um cavalheiro!

Desferiu-lhe um soco violento, mandando o corpo na direcção de um outro agente que, por sua vez fez o mesmo.

— Quero-o vivo! — avisou Tony —. Temos tempo de o enforcar. E fica já a saber que o faremos.

O homem foi metido num carro que o levaria a Fort Worth. Nesse instante, um dos trabalhadores de Bordman correu para o escritório deste, para contar o acontecimento.

— Não me agrada que os Rurais entrem no assunto!... — disse o companheiro de Bordman.

— O Major conhece o Rancho dos Sherman como se da própria casa se tratasse.

— Não o estão a enganar — observou o informador.

— Por alguma coisa Harrold Riddle se pôs de fora.

— Não somos obrigados a saber que estes terrenos são pertença dos dois irmãos. Temos uma autorização de quem dizem serem os proprietários.

— Bom... Não creio que seja um consolo, que nos enforquem ao lado deles. E o Rural fará isso. Já principiou a bater. Têm o jornalista em Fort Worth.

— Não podem fazer isso com a imprensa!

— Não podem, mas fizeram-no. E ele não vai passar nada bem se não diz quem lhe pediu para escrever isso.

— Não me olhe assim... Eu não disse mais do que se comenta na povoação — disse Bordman.

— Também o levarão até que se recorde de quem ouviu esses comentários.

Bordman acabou por ficar assustado. Saiu do escritório e foi visitar o xerife. Este que estava aterrado desde que soube da intenção de Tony, disse-lhe:

— Dei-lhe ordens para suspender os trabalhos no Rancho de Greer.

— Vejo que está assustado e permite que os Rurais intervenham nos assuntos locais, o que, aliás, não podem fazer.

— Qualquer problema nos Ranchos diz-lhes respeito. Não sabia isso? Vê-se que você não é texano e desconhece o que são os Rurais aqui.

— Mas ouvi afirmar que não podem intervir nos assuuntos internos das povoações.

— E em que povoação e em que rua, tem você as torres de perfuração?

— Mas prenderam o jornalista...

— Não o prenderam. Levaram-no para ser interrogado. E terá que provar o que escreveu acerca de Dan Sherman.

— Você era um dos que mais odiava esse pistoleiro. Será que agora passou a ter medo dele?

— Escute...Ter medo de Dan, quando está zangado, é a coisa mais lógica do mundo.

— Surpreende-me, xerife. Pensei que fosse diferente. Levaram um dos meus técnicos...

— Informaram-me que tinha escondido um pequeno revólver. Não me parece poder evitar que o pendurem. Não conte com ele... Nesta terra os oportunistas são odiados.

— Usar um revólver como segurança, não me parece que seja oportunismo.

— Com outro no coldre do cinturão?... — observou o juiz com um sorriso —. Isso é de oportunista cobarde. Não espere por ele. Será enforcado!

— Irei a Austin queixar-me, já que aqui não me atendem...

— Foi você quem pediu a Moster para escrever acerca de Dan, como ele fez?

— Não!...

— Não grite. Se foi você terá de o confessar aos Rurais. Eles sabem tratar das pessoas. E se foi você, vá preparando as provas do que disse.

Bordman, no entanto, o que pensava era afastar-se de Dallas, antes de cair nas mãos desses agentes. Regressou ao escritório da Companhia e deixou um dos seus ajudantes encarregados de tudo, dizendo que se deslocava a Austin para, com as autoridades de lá, tratar do assunto das sondas. Porém, o ajudante não se deixava enganar. Sabia que ele se afastava por estar muito assustado, mas agradava-lhe ficar na situação de chefe.

— Não se preocupe — disse —. Temos as autorizações por escrito de quem se diz dono desses terrenos. E se for necessário, os trabalhadores terão o apoio das armas...

— Gosto disso — respondeu Bordman —. Que haja energia. E poucos minutos depois, abandonou Dallas. Quando viu, pela janela da carruagem desfilar os campos, sentiu-se

tranquilo. Naturalmente que não se dirigia a Austin, mas sim na direcção de Este. Olhava com indiferença os restantes viajantes do compartimento, quando um deles perguntou:

— O senhor não é um dos directores dessas Companhias que procuram petróleo, tal como em Oklahoma?

— Sim — respondeu. — É uma riqueza necessária à União.

— São seus os homens que se encontram no rancho de Greer Sherman? Harrold é um grande amigo. Está assustado... Vai para junto de um irmão que tem no Kansas. Tem medo de Dan e Tony. Este, parece que se pôs em movimento.

— Nós temos a autorização de Harrold Riddles e de Douglas Quincy. Eles afirmaram ser os donos desses terrenos onde montámos as torres.

— Mas vocês sabiam que não era verdade.

— A única verdade é a que figura nos documentos.

— Enfim... Isso é com vocês... Mas não acredito que consigam alguma coisa.

Deixaram de conversar. Mas, quando o comboio se deteve numa pequena estação a dez milhas de Dallas, subiram dois jovens vestidos de «cow-boys».

— «Mister» Bordman? — perguntou-lhe um deles.

— Sim...

— Faça o favor. O Major Burnes deseja falar consigo.

— Não sairei deste comboio!...

— Aviso-o que será um prazer disparar, alegando depois que me atacou...

O jovem que falava tinha o revólver empunhado.

— Qual é a sua maleta? — perguntou o outro.

— É essa — indicou o indivíduo que antes havia conversado com Bordman —. Eu bem lhe disse que não esperasse conseguir muito. Dallas não é Oklahoma. Vieram para roubar, como fizeram lá.

Bordman viu-se na necessidade de obedecer. E caiu desamparado da carruagem para a plataforma, mercê de um soco violento. O agente que o desarmara, descobriu uma pequena arma no peito. Foi uma luta terrível para evitar que fosse linchado pelas pessoas que assistiram ao facto. Com a roupa esfarrapada e o rosto magoado, fizeram-no montar um cavalo e seguir Fort Worth. Encaminharam-se para o gabinete de Tony. Este, fitou-o, sorridente. Os agentes contaram os factos e a razão por que se apresentava naquele estado.

— Ena! — exclamou Tony —. Tinha, também, um revólver escondido?!... Deviam ter deixado que o linchassem. Ter-nos-iam poupado trabalho. Não disse aos seus empregados que ia a Austin?

— Primeiro, tinha que dar conhecimento dos factos à Companhia, em Oklahoma...

— O que procurava era fugir. Mas, enfim, já o temos aqui... Deixem que descanse um pouco, Levava maleta?

— Sim.

— Procurem nela as provas do que comunicou a Moster para que este escrevesse sobre Dan Sherman.

— Não sei nada acerca desse pistoleiro...

— Cuidado!... — avisou Tony o agente que socou Bordman —. Ele não pretendeu insultar o Dan.

Bordman tapava o rosto dorido com as mãos.

— Tragam o jornalista... — ordenou Tony.

Bordman fitou o rosto daquele, sem poder reconhecer nele a pessoa com quem diariamente tratava.

— Aqui está «mister» Bordman que afirma não ser verdade ter-lhe dito algo sobre Dan Sherman — disse Tony.

— Se negar, mente! Disse-me que tinha visto pasquins que se referiam a ele. E que neles se dizia que era um pistoleiro e salteador.

— Não é verdade! Não lhe disse nada! — exclamou Bordman.

— Eu rectificarei!... — disse o jornalista —. Farei saber que fui enganado.

Tony considerou que o castigo já recebido era suficiente e que o susto pelo que os dois passaram, fora as equimoses no rosto, era uma boa lição. Não podia enforcá-los, embora o desejasse e, segundo ele, bem o mereciam.

Mas Bordman levava na maleta documentos que demonstravam o sistema empregado por eles para roubar os ganadeiros confiantes.

Documentos que seriam enviados ao fiscal em Austin para serem estudados. Juntamente com eles iria Bordman para a capital. Por sua vez, o jornalista foi deixado em liberdade.

Quando este se encontrou no Hotel, o proprietário disse-lhe:

— Avisei-o de que era muito perigoso falar de Dan Sherman, da forma como o fez. Na verdade, não pensei voltar a vê-lo com vida.

— Esse Major lembrar-se-á de mim... Toda a imprensa da União fará conhecer o abuso que exerceram sobre mim... A imprensa há-de ser livre.

— Mas para não falsear os factos e pôr em perigo a vida de cada um com essas mentiras. Não há qualquer reclamação contra Dan. Porquê mentir?

— Eu os ensinarei!...

Porém como o dono do Hotel contara o que o jornalista dissera, este foi arrancado da cama horas mais tarde e enforcado frente ao Hotel.

— Não era boa pessoa — disse o proprietário aos amigos, que se comentou aquela morte.

V

CAPÍTULO

Bordman foi expulso do Texas e a Companhia que representava, suspensa dos trabalhos de sondagem no Estado da Estrela Solitária. Mas isto prestava-se a infinitas manobras e, uma delas, foi vender a outra Companhia os seus efectivos e absorver parte dos seus empregados. Porém, no Rancho de Greer, abstiveram-se da trabalhar.

O novo elenco directivo mostrou-se, desde o princípio mais enérgico e até provocador. E os encarregados davam a entender que eram mais pistoleiros do que diziam ser. Mas não encontraram grande oposição no Rancho de Greer e isso animou-os, pensando que aquela tranquilidade era devida ao medo que eles inspiravam.

Naturalmente que estavam bem informados acerca dos amigos de Sherman. Aqueles que eles desejavam impressionar, embora pensando nos Rurais.

O novo jornalista contratado pelo editor, era mais cauteloso que o primeiro e, naturalmente, não escreveu uma única linha sobre Dan. Mas a campanha de difamação incrementou-se, levando o próprio Tony a pedir a Rosa que não se precupasse com o que dissessem, mas que fixasse as pessoas que mais comentavam. O novo director da «Petrolífero» entrou no estabelecimento de Rosa, acompanhado por dois dos seus ajudantes, que se mostravam habituados

a usar armas, mais do que o trabalho técnico que deviam efectuar. Com a arrogância de homem endinheirado, pediu uma garrafa de champanhe e três copos.

Rosa era ajudada pelo «barman» e uma rapariga. Foi esta quem atendeu os novos clientes. O director perguntou:

— Tu és a Rosa?

— Não. É a que está ao balcão.

— Diz-lhe que agradeço seja ela a servir-nos.

— Não é hábito fazê-lo. Fá-lo-á se forem ao balcão.

— Pensas que somos uns vaqueiros sujos?!... — exclamau um dos acompanhantes.

Como fôra surpresa a entrada dos três homens, muitos dos clientes estavam calados e puderam ouvir perfeitamente as palavras do janota.

Rosa abandonou com naturalidade o balcão e dirigiu-se para a mesa.

— Lucy! — chamou a empregada —. Estes cavalheiros que paguem e se ponham ao largo!... Não quero que os «vaqueiros sujos» arrastem os elegantes corpos destes homens. É preferível que o façam na rua.

Vários vaqueiros aproximaram-se dos três indivíduos.

— Quietos!... Aqui não — avisou Rosa.

— Não quis ofender — disse o director, assustado —. Ficou apenas aborrecido por não ter sido a dona a atender.

— Já aqui estou. E agora, fora desta casa! São dez dólares!

Quando os três se levantaram para sair foram rasteirados com a companhia de uma gargalhada geral.

Quando Hugo Crane se viu na rua, limpou da testa o suor frio que o medo fizera aflorar.

— Tranquilo?... — perguntou àquele que havia falado

no bar —. Já viste como estivemos perto de ser linchados por teres dito aquilo?!

— Não acredito que essa rapariga não se vai arrepender do que fez.

— Não quero mais complicações. O que vais fazer é regressar a Tulsa. Não te darás bem aqui. É terra de «cow-boys» e foi a eles que insultaste.

— Arrastarei essa rapariga!...

— Estamos avisados. Muito cuidado com ela!

Entraram em outro «saloon». E dali, Hugo dirigiu-se para o Hotel. Acabava de jantar quando um empregado se aproximou, dizendo:

— Os seus dois ajudantes estão no consultório do médico.

Hugo levantou-se com o rosto lívido.

— Que aconteceu?

— Dizem que o senhor estava presente quando um dos seus homens insultou os vaqueiros.

— Mas falou sem intenção de ofender...

— Os dois estão bastante feridos. Falta-lhes a pele da maior parte do corpo. Repetiram o insulto noutro bar e por isso os dois foram arrastados. É uma estupidez meterem-se co mos «cow-boys» de Dallas!...

Hugo perdeu o apetite e não se atreveu a ir a casa do médico. Na manhã seguinte soube que os seus ajudantes tinham morrido durante a noite. Todo ele foi apoderado de grande pânico. Verificava que Dallas não era o que Bordman lhe dizia. Todos os empregados foram aos funerais. Muitos tinham fama de terríveis, mas não falavam de vingança. O que faziam era olhar para todos os lados. Os vaqueiros mostravam-se sorridentes e um pouco irónicos. Um dos encarregados disse a Hugo:

— A população está toda contra nós. Isto não me agrada! Foi uma loucura o que esses dois fizeram!...

— Não esperava que se comportassem assim. Puseram-me em perigo.

— Creio que está em perigo!... Vá-se embora, enquanto tem tempo.

Hugo ficou preocupado com esta palavras. E ao procurar nos documentos as autorizações desses ganadeiros, verificou que as mesmas não se encontravam no escritório. Lembrou-se, depois, que Bordman lhe dissera que os Rurais as tinham levado, embora não pudesse prová-lo. E sem essas autorizações, estavam a trabalhar aereamente. Mandou chamar esses ganadeiros, mas um deles tinha-se afastado e o capataz interrogado, informou que os terrenos não pertenciam ao Rancho mas aos irmãos Sherman. O outro ganadeiro, mais ambicioso, concordou em assinar outra autorização, que cobria a responsabilidade de uma das torres. O pessoal de prospecção parecia satisfeito com os indícios e diziam que não tardaria muito que o petróleo surgisse. Mas isso fazia aumentar a preocupação. O director dos trabalhos era um homem cruel. E, enquanto passeava pelo Hotel, pensou que a morte de Greer Sherman talvez fosse uma boa solução, no caso de aparecer petróleo em quantidade. Sabia, por intermédio de Bordman, que h a v i a uma mulher chamada Carol, dona de um bar, que era inimiga e odiava os irmãos Sherman. Tinha sido amante de um homem que Dan matara antes de sair de Dallas. Ainda não tinha visitado esse bar.

Outros dois companheiros, estes pistoleiros de profissão, foram escolhidos por eles,

Mas foram avisados para não cometerem o mesmo erro dos que haviam morrido.

E os três entraram no bar de Carol.

Ela olhou-os com indiferença, embora tivessem sido saudados por alguns clientes, trabalhadores da Companhia.

A mulher conversava com o novo jornalista que havia chegado do Kansas.

Carol era uma mulher bastante interessante e ela sabia especular a sua beleza, destacando-se, quando lhe interessava, de maneira excitante.

— Esse que entrou — disse o jornalista —, é o substituto de Bordman.

— E vem com outros dois — observou ela —. Não tomam emenda. Têm aspecto de pistoleiros, mas não conhecem os meus homens.

O homem aproximou-se e cumprimentou Carol, dizendo que Bordman lhe falara muito acerca dela, elogiando-a bastante.

— Vinha até aqui com certa frequência... — disse-lhe Carol —. Ele e os Moster cometeram o erro de se meterem com Dan Sherman, o que custou a vida a um e o afastamento do outro. Este é o novo jornalista...

Os dois homens cumprimentaram-se.

— Espero que não cometam o mesmo erro — avisou a mulher —, nem os seus homens devem falar mal dos vaqueiros.

— Também fui vaqueiro — disse um deles.

— Ainda bem. Os meus patrícios são bastante brutos...

— Sentamo-nos? — convidou Hugo —. Talvez falemos melhor.

— Não sou como a Rosa. Não tenho inconveniente em fazê-lo.

Instantes depois sentaram-se a uma mesa, onde foram colocadas duas garrafas de champanhe.

— Sabe se se comenta alguma coisa que o Major possa ter dito?... Isto é, se porventura sair petróleo no Rancho de Greer, ele será para ela e para o irmão. Por que aqui todos nós sabemos que esses terrenos lhes pertencem. E os Rurais permitem que continuem a trabalhar é porque têm algum plano. Não acredite no que disseram alguns dos seus homens, que é por medo deles. Se não existisse qualquer plano, Tony teria mandado paralisar os trabalhos.

— As autoridades não permitiriam que tal acontecesse...

— Na realidade, as autoridades aqui são os Rurais e muito mais se trata de assuntos de campo. Vocês falaram com Greer?

— Não. Dizem que o irmão já matou muitas pessoas.

— Aqui matou três homens...

— Um deles era seu noivo, não é verdade?

— Os três eram bons amigos. Mas a verdade é que tinham enganado toda a gente. Frente a Dan, não passavam de uns novatos...

— Mas dizem que se tornou salteador e...

— Que não o oiçam falar assim... O menos que lhe podem fazer, é arrastá-lo. Não há uma só pessoa que possa provar, nem qualquer testemunha... Não passa de palavreado!...

— Parece que tens medo!... — observou com ironia um dos companheiros de Hugo.

— Prefiro não responder. Mas se Dan aparecesse por aí, gostaria de te ver na sua frente.

O homem pôs-se a rir.

— Pensas que eu ficaria a tremer? — perguntou.

— Falaremos depois, se ele aparecer por cá. Agora estamos a perder tempo.

— Bordman disse-me que não simpatizas com esses irmãos.

— Isso não impede que reconheça o valor das coisas. E Dan é muito perigoso. E não se esqueça de Greer. Maneja as armas quase tão bem como o irmão. Por isso me admiro que os deixem continuar a trabalhar.

— Temos vigilantes armados.

— Hum! Que podem eles fazer se, de longe, forem alvejados com tiros de carabina?! Se não os incomodaram, não é por causa desses vigilantes. É porque certamente seguem um plano.

— O que aconteceria se essa rapariga morresse?

— Esqueça essa ideia!... — disse Carol —. Não ficaria vivo nenhum de vocês... Pense nos Rurais. E agora escutem um bom conselho. Abandonem esse Rancho. E o mais breve possível.

—Tentas assustar-nos?

— Vejo que não há remédio. Pergunto a mim mesma quantos dias vocês dois vão durar mais.

Nesse momento Carol levantou-se de um salto ao ver entrar Tony, acompanhado de um tenente.

Mas tinha sido vista por eles.

Tony aproximou-se do grupo, observando sorridente.

— Boa reunião! Vai comprar acções de petróleo? Ena!... o novo jornalista... Tens bons amigos, Carol!...

E encaminhou-se para o balcão onde o tenente o aguardava.

Carol sentia-se bastante nervosa.

Quando chegou ao balcão, Tony acrescentou:

— E bebem do caro!

— Fui convidada pelo novo director da «Petrolífera».

— Que tal vai a sondagem no Rancho de Greer?

— Não falaram disso.

— De que falaram, então? De Dan?...

— Não me preocupo com ele. Nesse tempo estava zangada. Mas já nem me lembro.

— Viram o Dan... Vem para cá!

O rosto de Carol perdeu toda a cor.

— O que então disse dele, foi por estar muito zangada...

— Penso que tenta agradar-me.

— É possível? Bom... Continuas interessante...

— Isso foi compreendido por Greer. Razão porque continuas viva. Que diz o novo jornalista?

— Tenho onze anos mais que Greer...

— Não quis dizer que fosses velha, não te zangues. Tenho perguntado a mim próprio muitas vezes por que continuas a viver, sendo tão cobarde? Não creias que não sabemos ser aqui que se cultiva o ódio pelos Sherman. E da maneira como falam de Dan...

— Eu não digo nada!

— E é aqui que se esconde quem nós procuramos. Cobra muito por isso? Não acredito que faças alguma coisa sem interesse... Zangaste-te com o Tom, porque não poude com Dan... Ele enganou-te, não foi?

— Era um novato frente a Dan...

— Não é verdade que foste tu que deste o empurrão para que incomodassem a Greer?

— Não!

— Ela sabe. Mas quer seja Dan a castigar-te. Ficaria aborrecido se ela se lhe adiantasse... Caramba! Os teus amigos vão-se embora. Não te despedes deles?

Na realidade os homens iam-se embora depois de Hugo ter pago a despesa a uma das empregadas. E quando este chegou ao Hotel, encontrou o juiz que lhe disse:

— Abandone o Rancho dos Sherman!

— Outra vez?... Já lhe mostrei a autorização de Quincy.

— Ele não é dono desses terrenos. E quando jorrar o petróleo, será para os dois irmãos. É isso o que Tony espera.

— Você, como autoridade, terá que me ajudar e falar a nosso favor.

— Não espere isso. Eu conheço esses Ranchos. Obrigá-lo-ei a sair.

— Não o tente! — respondeu Hugo.

O seu tom era ameaçador. Os companheiros de Hugo riram-se.

— Não esqueça o que lhe disseram!... — exclamou um deles.

O juiz abandonou o Hotel e, na manhã seguinte, Greer era avisada de que a torre de sondagem estava vigiada por homens armados.

A rapariga avisou o seu pessoal.

— Não se aproximem de lá — disse-lhe —. Esperemos que consigam fazer sair o petróleo. Tony garante que ele será para nós.

Também Tony foi informado disso e não deixou de rir. E enviou alguns dos seus homens visitarem esses trabalhadores. O capataz, ao saber que eram Rurais os homens que se aproximavam, ficou nervoso.

— Que fazem esses homens armados? — perguntou o sargento, que comandava o grupo —. Nada devem recear. Ninguém se aproximará para impedir os trabalhos. A dona do Rancho está muito interessada no êxito do esforço dos trabalhadores. Esperam obter um triunfo?...

— Estamos muito perto do petróleo.

— Muito bom!... Isso é que é sorte para a rapariga.

E seguiram o seu caminho.

— Creio que estamos a cometer uma asneira — disse o capataz a um companheiro. — Se o petróleo aparecer será para esses irmãos. É uma teimosia de «mister» Crane.

Por esse motivo ainda não nos incomodaram e os Rurais afastaram-se a rir.

Os vigilantes, que se encontravam a certa distância, não se apresentaram. Mas, na manhã seguinte, foram encontrados, os quatro, enforcados junto da sonda. Hugo estava tomando o pequeno almoço no Hotel, quando o capataz se apresentou para lhe dizer que haviam abandonado os trabalhos e que não esperasse que o pessoal regressasse.

— Têm vigilantes e...

— Tinham vigilantes. Estão agora enforcados frente à torre.

— Não é possível! — exclamou, muito assustado.

Nesse mesmo dia, pela tarde, ao sair do Hotel, Hugo foi arrastado. E no dia seguinte não havia, em Dallas, um único empregado da Companhia.

VI

CAPÍTULO

Mas a Companhia, habituada a fazer o que queria com Oklhoma, não se dava por vencida. O director geral da mesma enviou a Dallas um missionário de confiança, para conversar com Quincy. Era a sua esperança.

Instruiu-o sobre o que devia fazer e recomendou-o a amigos em Austin para que registassem os terrenos dos Sherman e conseguissem um certificado no Registo Central no qual constasse em que os terrenos onde se encontravam as sondas, pertenciam a esse ganadeiro e a Riddle.

Esperavam que, com esse certificado, o ganadeiro se atrevesse a regressar a Dallas.

A enorme ambição de Quincy, ao saber que estavam perto do petróleo, fê-lo ir a Austin para visitar os amigos da Companhia.

Na capital, as pessoas a quem fora recomendado, movimentaram-se até conseguirem que personagens respeitadas e queridas, convencessem as máximas autoridades, falando de quanto era necessária para o Texas e para a União essa riqueza.

Apresentavam Greer Sherman como inimiga dessa fonte de dólares e procuraram que o Registo lhes desse o certificado desejado.

Mas ali estavam informados por Tony, por intermédio do chefe dos Rurais, de toda a verdade.

No Registo disseram-lhes que o Rancho a que se referiam pertencia ao Sherman, incluindo a parte que Quincy procurava registar em seu nome.

Um dos advogados a que fora recomendado e que ganharia cinco mil dólares se conseguisse esse certificado, foi encarregado de ir ao Registo. Mas ali mostraram-lhe um plano da propriedade dos Sherman feito pelos Rurais e que fora incluido na escritura da propriedade. Nesse plano figuravam os terrenos que Quincy afirmava serem seus e de Riddle. Os limites estavam perfeitamente determinados. E no certificado que lhe forneceram, tudo isso foi explicitado. O que nada adiantava para os fins em vista. Foi quando, pensando que Greer obstava à obtenção de uma grande riqueza, resolveram voltar a f a l a r de Dan como assaltante e pistoleiro. Procuraram as pessoas que podiam chegar até ao Governador, na mira de algo errado nessa propriedade para indemnizar as famílias das vítimas desse pistoleiro e salteador. Quincy ficou satisfeito quando soube que ia ser acompanhado na visita ao Governador. Iriam também esses dois advogados de Austin, a quem fora recomendado. Almoçaram juntos para acordarem o que deviam dizer a esse governante. E do Hotel saíram na companhia do senador em Washington, dirigiram-se para o gabinete do Governador. Este, bem informado sobre o que eles desejavam, pedira ao senador que os acompanhasse, para assim ficar ao corrente de tudo. Um dos advogados encarregou-se de tomar a palavra. O Governador escutou-o em silêncio.. E esse silêncio animou o advogado a continuar falando contra Dan Sherman. Quando terminou o seu longo discurso, ouviu o Governador chamar o secretário e dizer-lhe:

— Este cavalheiro parece bem informado sobre um assaltante. Que a Guarda Nacional se encarregue dele até que apresente provas de tudo quanto disse. E este ganadeiro de Dallas, que procura roubar terrenos a dois irmãos, que fique na sua companhia.

Entreolharam-se assustados.

— Excelência...

— Já falou bastante — cortou o governador.

— Não é que eu tenha provas... É o que em Dallas se diz dele.

— É advogado e sabe que não se pode falar assim sem provas. O fiscal geral encarregar-se-á de si.

Quando Quincy se viu preso, mandou chamar o fiscal para lhe confessar que a ambição o cegara mas que, na realidade esses terrenos pertenciam aos Sherman, e o que diziam de Dan não passava de comentários propalados pelos homens da Companhia.

Como estava claro, segundo a própria confissão ficou preso até que o tribunal determinasse a sua condenação. Os dois advogados ficaram também presos.

Em Dallas, a nora de Quincy, aguardava o seu regresso, embora o seu marido não fosse partidário do que se propunham. Porém, quando a notícia chegou a Dallas, toda a gente a comentou. A Companhia não enviou mais ninguém, deixando os trabalhos nas mãos de uma congénere, mas sem incluir o terreno do Rancho Greer. Para esta, isso representava uma contrariedade.

Esses trabalhos deviam ser motivo de estudo por parte dos novos encarregados. E estes decidiram correctamente. Para poderem aproveitar o que já estava realizado, solicitaram a Greer uma entrevista e ela, por sua vez, pediu a Tony que estivesse a seu lado nessa altura.

Tony concordou mas fez-lhe saber que não teria qualquer valor o que ela acordasse sem contar com Dan.

— Não creio que Dan se oponha ao que nós façamos — disse-lhe Tony —, mas não terá valor o que fizermos sem o seu acordo.

Disseram isso aos representantes da nova Companhia, que concordaram que, para não perderem o que se havia realizado e desmontarem a sonda, podiam fazer um acordo condicionado.

Mas quando levaram esse contrato para que Greer o assinasse, Tony pôs-se a rir ao lê-lo.

— Estou a ficar convencido — disse — de que todos eles não passam de velhacos. E não porque razão hão-de pensar que somos parvos.

— Eles esperavam que eu assinasse sem te consultar.

— Pois a minha tolerância chegou ao máximo.

Há um grupo de trabalhadores junto da sonda. E o barulho dos trabalhos principiou a encher o vale como antes.

— Sim... Alguém que entende do negócio, disse-me que se a sonda estiver parada mais uns dias, não haverá quem a faça sair nem funcionar. E tudo quanto fizeram até agora não será aproveitável. Teriam que principiar de novo.

— É essa a razão por que têm pressa...

— Está justificado. O que não se justifica é o que tentavam. Não é um contrato condicionado à opinião, mas sim um acordo firme, no qual os dois irmãos autorizam a prospecção em «todo» o Rancho e, tendo em conta as despesas iniciais, caso aparecesse petróleo o seu lucro seria apenas de quinze por cento «dos lucros» e não da produção.

— Isto é; tratavam de me roubar de maneira legal.

— Mas um roubo descarado.

— O que quer dizer que não se pode lidar com essa gentalha...

— *Claro. E o que vamos fazer é mandar pelos ares essas* torres e não permitir que montem outras.

— Parece-me uma boa ideia. Estava a ficar preocupada com o gado... Se os homens continuam a entrar e a destruir os pastos, adeus gado. Que farei? Vou visitar esses oportunistas? Se o fizer, levo um chicote.

— A melhor resposta que se pode dar é fazer voar as torres.

— Pensas que deves ser tu a fazê-lo? Não será perigoso para a tua carreira? Sabes que há muita gente a dizer que os Rurais estão exclusivamente ao meu serviço. E isso pode prejudicar-te.

— Essas torres foram colocadas sem a tua autorização e prejudicam os pastos...

— Mas isso não te autoriza a fazê-las ir pelos ares. O máximo que poderás fazer é chamá-los à razão... E eu, então, irei dizer-lhes que não estou de acordo e devem retirar todo o material dali... E, se não o fizerem dentro do prazo que lhes darei, as torres vão pelos ares. Não que continues a misturar-te...

Tony estava convencido de que tudo quanto escutava era sensato. Pois, entre os Rurais, também se comentava a ajuda.

Algum tempo depois, a rapariga apresentou-se no local onde se juntavam os trabalhadores que prestavam serviço nas duas sondas levantadas.

Perguntou pelo encarregado ou capataz.

Este foi chamado e, ao ver Greer, sorriu satisfeito. Mas o seu sorriso desapareceu quando Greer lhe disse que deviam abandonar os trabalhos.

O homem defendeu-se, alegando o que a ela pareceu justo. Que essa ordem devia ser dada pelos superiores da Companhia.

O capataz parecia ser uma boa pessoa.

— Eu penso que trabalham aqui por inflexibilidade... — disse. — A terra retirada pela sonda não indica a menor esperança...

— Não acredita que haja petróleo aqui, não é?

— Essa é a minha opinião. Claro que posso estar enganado, mas não vejo vestígios que normalmente aparecem. E eles são necessários como estímulo. Disseram-me no escritório que iam levantar mais torres no interior do Rancho...

— Não levantarão mais nenhuma. Procurarei as autoridades para que mandem cessar os trabalhos... E se não obedecerem...

— Obedecerão. A não ser que possuam uma autorização sua.

— Não a têm, nem a terão.

— Então, verá como obedecem às autoridades. Na verdade, não compreendo esta insistência. Já disse o mesmo aos rapazes. Não esperem pela nossa resistência.

O capataz continuou a falar até que confessou que «mister» Bordman pertencia à mesma Companhia, e que certamente era o autor dessa mesma insistência.

Ao saber disso, Tony exclamou:

— Era de supor que tudo isto é obra desse cobarde! Vamos fazer voar as torres para assim se acabar a insistência.

— Fica tranquilo. Nós faremos isso se não atenderem o nosso pedido. Greer dirigiu-se à povoação e entrou no escritório da Companhia, perguntando pelo director.

Este saiu do seu gabinete e cumprimentou-a com um sorriso amável.

— Trouxe os documentos assinados? — perguntou, quando ambos regressaram ao gabinete.

— Rasguei esses documentos e venho dizer-lhes que têm de abandonar as minhas terras no prazo de vinte e quatro horas.

— Não compreendo... — murmurou o director muito surpreendido e nervoso —. Se existe algo nesses documentos que não lhe agrade, ou se interpretou mal o que acordamos, rectifica-se e...

— Não se vai assinar nada. E naturalmente que você é um homem de sorte por não ser arrastado por essas ruas. Regresse e diga a Bordman que não devem perder mais tempo... Bom! Já sabe. Tem vinte e quatro horas para abandonarem a minha propriedade.

— É possível que tenha que demonstrar que o é...

Greer saiu a sorrir.

E os palavrões proferidos pelo novo director fariam corar um marinheiro. Ameaçava e amaldiçoava em todos os tons.

Mas quando procurou falar aos seus empregados no sentido que desejava, encontrou uma negativa fechada. Responderam-lhe que estavam ali para trabalhar. Não para mais nada.

Greer foi em seguida encontrar-se com o xerife, dizendo-lhe que tinha que dar ordens para que abandonassem o seu rancho no prazo dado ao director.

O xerife procurou desculpar-se com o juiz. Este, por sua vez alegou que ainda não havia recebido a documentação de Austin em que era esclarecida essa propriedade.

Greer sorriu, fitando o juiz.

— Será que não sabes que Quincy se encontra preso por afirmar que essa parte do meu Rancho lhe pertencia?

— Mas oficialmente nada me comunicaram.

— Como és cobarde!... — exclamou ela ao abandonar o Tribunal.

— Vocês não entendem certas coisas... Não se trata de querer ou não atendê-la.

— Irás atendê-la... Sabes quem chegou a Dallas? Bom...

— Não sei se o conheces. Chama-se Dan Sherman.

— Não!... Não é verdade!

— Que se passa? Conhece-lo?!

— Não é verdade que tenha chegado.

— Porque não é verdade?

— Porque andou por aí a matar e...

Nisto, uma voz se fez ouvir:

— Rosa!... Porque não deixas que ele fale comigo?

O juiz colocou as mãos sobre a cabeça.

— Bem... É... o que... se diz...

— Baixa essas mãos, homem. Não te vou matar... ainda... Como então precisas da confirmação em como essas terras são nossas. Tu não sabes isso? Não compreendo que te tenham tolerado tanto tempo como juiz, quando todos sabem que és um cobarde. Sempre o foste!...

— Darei ordem para que cessem esses trabalhos.

— Tu já não darás ordem alguma... Não poderás fazê-lo, porque seria o caso mais assombroso um morto... que ele o pudesse fazer. Sim... Não te surpreendas. Vou matar-te! Dizias que eu sou um pistoleiro!... Não é de estranhar que eu demonstre que tinhas razão. Não te parece?

— Não me mates! Farei o que queiras!...

— O que eu quero é que não continues a fazer mal a

Dallas... Rosa! Que esteve ele dizendo de mim durante todos estes anos?

— Sabes que sempre foi um cobarde. Mas penso que não deves matá-lo. Deixa que se vá embora de Dallas...

— Sucederá o mesmo a esse cobarde director que não pára de enviar emissários. Prefiro enforcá-lo, enforcá-lo depois de morto.

Mas o juiz empurrou o que tinha perto de si e esteve muito próximo de disparar sobre Dan.

— Tinha dito muitas vezes que era mais veloz que tu — comentou Rosa.

— Não há dúvida que era veloz...Se não tens as mãos sobre a cabeça, ter-me-ia dado um desgosto. Não esperava esta reacção.

Entretanto, o xerife que desconhecia a presença de Dan em Dallas, comentou com um amigo a visita de Greer.

— Não quero dizer que não tenha razão. Mas deve ser o juiz a dar ordem.

— É uma asneira insistirem em afirmar que essas terras não pertencem a Greer. Todos sabemos a verdade. Isso já fez com que Quincy fosse preso em Austin. Vocês devem intervir... Isso vai aborrecer o Tony...

— Tenho que receber ordem do juiz.

Conversaram no bar de Carol.

Um «cow-boy» que entrou nesse momento, pediu ao «barman»:

— Dá-me um duplo!... Ah! Olá Charles!... — saudou voltando-se para o xerife —. Não sabes a novidade?

— A que te referes?

— Dan Sherman! Está em Dallas!

Os rostos de Carol e do xerife ficaram lívidos.

— É uma brincadeira tua! — exclamou Carol por seu turno —. Não querem admitir isso...

O xerife saiu a correr. E, uma vez na rua saltou para o primeiro cavalo que viu preso à barra.

Não podia esperar que Dan se encontrasse com ele. Negara-se a atender Greer e isso era mais que suficiente para que o matasse, como havia feito com o juiz.

Apenas tinha desejos de fugir. Sair da cidade e afastar-se. Mas não tinha rumo determinado. O que desejava era afastar-se de Dallas.

Pouco depois o jornalista entrou no bar de Carol.

— Já tens uma boa notícia! — disse ela —. O pistoleiro Sherman já chegou e matou o juiz... O xerife não descansará na sua fuga enquanto não se encontrar a muitas milhas daqui... Saiu aterrado, ao saber que Dan havia chegado. Embora não o digam, todos em Dallas o temem. O presidente da Câmara também fugirá. Uma debandada!... Uma vergonha! Também o temes?

O jornalista fitava Carol.

— És a mais assustada! — disse —. Falaste muito dele!

VII

CAPÍTULO

— Dei ordem para cessarem os trabalhos — disse o capataz ao director.

— E quem o autorizou a isso?!... Vá já dizer-lhes que continuem a trabalhar!... Quem é que manda? Você, ou eu?

— Não podemos prosseguir contra a vontade da dona.

— Ela terá que provar que é a dona.

— Não se pode fazer o mesmo que «mister» Bordman. Um dos ganadeiros afastou-se. E o outro, por afirmar que os pastos lhe pertenciam, está na prisão. Isso não é prova suficiente de que é a rapariga quem tem razão?

— Não podemos paralizar os trabalhos...

— Pois não seremos nós que iremos trabalhar.

— Despeço-o e encontrarei outro pessoal.

— Faça isso!... Mas não conte connosco.

O director batia furiosamente com o pé no chão, quando entrou um dos seus ajudantes.

— É preciso enviar pessoal para trabalhar nessas torres que esses cobardes abandonaram.

— No Rancho dos Sherman?

— Sim.

— É melhor suspender os trabalhos definitivamente.

— Você também está de acordo?

— É o mais sensato e legal. Esses pastos pertencem aos irmãos Sherman. Ficou provado em Austin. E isso é confirmado com a prisão do ganadeiro que foi tentar um certificado da Conservatória em seu nome.

— Será que vamos fazer o que essa rapariga quer?

— Essa rapariga tem atrás de si os Rurais. Não esqueça isso. Naturalmente, está visto que não nos encontramos em Oklahoma. Aqueles colonos e ganadeiros estavam estabelecidos ali há pouco tempo. Aqui são mais desconfiados e mais duros. Sabe que chegou o irmão dessa ganadeira?

— O tal que dizem ser um pistoleiro?

— Ele mesmo. E por causa de autorizarem a que se montassem essas torres, já matou o juiz e o presidente da Câmara e o xerife fugiram.

— Que suspendam os trabalhos!... — exclamou —. Está bem! Não insistiremos.

Ao verificar que o director estava assustado, o auxiliar sorriu.

— Temos que desmontar a torre e levar o material para outro rancho. Vamos continuar a procurar petróleo, mas onde não houver estes problemas.

— O que devem fazer, para isso, é certificarem-se antes de montar as sondas. E que os proprietários estejam de acordo.

— Não se repetirá este caso.

— Foi culpa de Bordman. Não devia ter-se aliado a quem não podia provar a sua propriedade. E, além disso, não tinham a certeza de existir petróleo.

— O estudo estava bem feito e é possível que levasse-mos muito tempo em fazê-lo sair.

★

Dan encontrava-se com a irmã e com Tony. Perguntáva-lhes quando se decidiam a casar e Tony pedir o afastamento nos Rurais.

— Tens que tratar deste Rancho. Não é trabalho para ela sozinha.

— E tu?...

— Há-o suficiente para os três, mas possuo um belo Rancho longe daqui...

E disso conversou com eles durante muito tempo.

— Pensas que esse amigo saberá alguma coisa do passado do que foi teu sócio?

— Tenho a certeza de que os dois se conheciam... E que foi Emil quem impediu que falasse com Mike. Se souber que Emil morreu não terá qualquer inconveniente em dizer o que souber. Naturalmente que nenhum deles é texano. Pareciam ser mais do Norte. Pelo menos Emil. E nem sempre foi vaqueiro ou condutor. Proporcionou-nos comprar um belo Rancho e possuir bastante gado, mas ele falava como homem ilustrado da cidade.

— Esse vaqueiro encontra-se longe?

— Veio trabalhar para Waco, suponho que para alguém conhecido dele.

— Não está longe.

— Por isso disse que não demorava muito em regressar.

Assentaram, nessa reunião que o casamento de Greer com Tony se verificaria quando Dan regressasse de Waco.

Os três, depois da reunião, dirigiram-se para a povoação.

Sabiam que iam alegrar Rosa e para o seu «saloon» se dirigiram.

Rosa foi ao seu encontro, mal os viu surgir. Deu um braço a Greer e outro a Dan.

— Rosa!... Sabes que, finalmente se decidiram?! — observou o jovem Dan.

— De verdade? Já era tempo! Já podiam ter filhos de dez anos!

— Perderam muito tempo, mas bem... Por fim que acontece!

— Quando?

— Logo após uma visita que vou fazer a Waco.

— Não ficas por cá?

— Não posso. E depois do casamento não sei se terei que ir a algum lugar longínquo antes de regressar ao meu Rancho. Tenho um belo Rancho...

— Folgo imenso... O que se tem falado de ti!...

— Porém, tem em conta que o muito que falaram, não está longe da verdade — disse Dan —. Sou temido em muitas povoações... A verdade é que continuaram a obrigar-me a matar. Graças a um bom amigo, a minha vida transformou-se. Se não fosse ele, já estaria morto há muito tempo.

Contou a Rosa o seu caso com Emil.

— Foi uma pena que esse homem tivesse morrido!... — murmurou Rosa, emocionada —. Ena!... Aí estão os novos directores da «Petrolífera». Dizem que suspenderam os trabalhos no vosso Rancho.

— Há muito que deviam tê-lo feito — disse Greer.

— A cidade está inundada de oportunistas.

— Nem fazes uma ideia! — exclamou Rosa —. Toda a gente foi envenenada pela ambição do petróleo.

Os homens da Companhia ficaram paralizados ao verem o Rural acompanharem os dois irmãos. Até que o director

se decidiu cumprimentar Greer, dizendo-lhe também que iam desmontar as sondas. Enquanto falava, fitava Dan e admirava a sua estatura. Mas não se deu por achado. Escutou em silêncio. Ele não sabia que Dan havia decidido que nada dessas torres seria aproveitado. Também não podia suspeitar do que iria acontecer... com a sua acção.

Mais tarde, pela noite, como pensava partir no dia seguinte, Dan montou umas cargas de dinamite nas torres. Queria fazê-las voar, para que não aproveitassem uma estilha. E era ainda madrugada, quando os residentes despertaram ao som de uma grande explosão, que foi escutada na povoação, apesar da distância. Mas o que Dan não podia pensar era que essa explosão fizesse surgir um grande repuxo de petróleo.

Na manhã seguinte a povoação emocionou-se com esse facto.

E os componentes da outra sociedade dedicada aos trabalhos, encarregaram-se de cortar a saída e preparar o necessário para o contrôlo dessa riqueza .

Tony, acompanhado de Dan, encarregou-se de redigir os documentos de sociedade com a Companhia, também de Oklahoma. Mas as cláusulas eram justas para ambas as partes.

Como as despesas de exploração iam decorrer por conta da Companhia especializada, deixaram a ela sessenta por cento e os restantes quarenta revertiam a favor dos Sherman.

A Companhia montaria as torres precisas para uma exploração intensa.

Os outros especialistas estavam desesperados. Culpavam Bordman de, além de ter podido entrar num acordo

com Greer, o que não fez, pretendeu, de parceria com dois ganadeiros, roubar-lhes terreno.

No entanto, para a Companhia associada dos Sherman, constituia um grande êxito.

Tony e Greer riam com Dan.

— Armáste boa com essa carga de dinamite! — disse Tony.

— Agora, o que tens que fazer, é pedir a tua retirada dos Rurais. Tens que atender o negócio do petróleo. Vão encher o Rancho com essas torres.

— Fazem-no apenas nesta zona. É onde supõem existir milhões de barris. Vais ser um dos homens mais ricos do Texas!

— Queres dizer que seremos... Ou será que te vais arrepender? — disse ela, sorrindo.

— Se o fizesse, eu o arrastaria até Waco.

Os três riram.

— O que deves fazer é regressar o mais breve possível.

— Sabem que tudo depende do que Mike me disser, se o encontrar. Não me agradaria deixar de procurar a filha de Emil, se de facto a tinha...

Concordaram em que Dan devia tentar tudo.

E sabendo que Tony se encarregaria de tudo referente ao petróleo, na manhã seguinte Dan dirigiu-se a Waco.

Não queria fatigar a montada, nem ele próprio, pelo que levou dois dias a chegar a essa povoação.

Com a rédea sobre o ombro, percorreu o que, pensou, ser a rua principal.

Parou junto de um «saloon-hotel». Estava esfomeado e sentia uma sede intensa.

Deixou o cavalo solto. Tinha a certeza de que não saíria dali. Entrou no recinto, amplo e agradável.

Os frequentadores deixaram de falar entre si e fitaram-no com curiosidade.

Fez uma saudação geral e encaminhou-se para o balcão.

Um homem de meia idade e rosto agradável sorria-lhe.

— Venho com fome e sede. Poderei saciar as duas coisas?

— Creio que sim. A bebida é para já e, para comer, a minha mulher se encarregará. Aqui, garantem que ela cozinha bem. Que quer para comer, se tivermos o que desejar, claro...

— Prefiro que seja a sua esposa a pôr todo o seu capricho, mas deve saber que como bem e que neste momento estou esfomeado. Não comi desde que saí de Dallas. Pensei que Waco estava mais perto. Serve-me uma cerveja naquela mesa?

— Levar-lhe-ei uma boa jarra.

— Obrigado.

Dan foi sentar-se à mesa indicada. Tirou o chapéu para secar o suor que lhe cobria a testa.

Pensava que tinha tempo de perguntar pelo amigo. Primeiro satisfaria o estômago.

Instantes depois entraram dois indivíduos e um deles disse de maneira que Dan ouvisse:

— Quem é esse rapaz?...

— Eu é que sei? Acabo de entrar contigo. Não creio que nos interesse.

— Que virá procurar?

— Repito que não nos interessa.

— Deverias perguntar-lhe.

— Eu?... Porque não o fazes tu?

Dan sentia-se contrariado. Muitas vezes, em alguns anos,

encontrara tipos assim, acabando por ser obrigado a disparar.

Instantes depois o seu rosto tornou-se sombrio ao ver o xerife parar junto da entrada, olhando em todas as direcções, indicando-lhe ser ele a causa dessa visita, embora não o surpreendesse. Era normal em povoações pequenas que os forasteiros preocupassem o homem da estrela.

O indivíduo que antes havia falado junto do balcão disse:

— Entre, xerife! Temos visita!... Ainda não deu por ela?

E fitou ostensivamente o jovem.

— Bom... Não creio que tenha importância. Waco é uma povoação sem arame farpado e dá entrada a todos que o desejem ou vão de passagem.

Dan sorria, olhando o xerife.

— Estava a dizer a este para lhe perguntar o que procura por cá.

— Com que direito ia perguntar-lhe? — respondeu o comparheiro —. Não creio que isso nos interesse.

— Será que não se passam coisas desagradáveis?

— Porque não te calas?! — observou o dono da casa, ao sair com a cerveja para Dan.

— Vi um belo exemplar lá fora e não está preso — disse o xerife.

— Não é que eu deseje afastar-me rapidamente — respondeu Dan, sorrindo —. Não é necessário prendê-lo para estar quieto. E naturalmente que me pertence.

— Não o vi antes...

— É natural, porque é a primeira vez que venho a esta povoação — disse Dan, enquanto bebia.

— Está de passagem?

— Não sei. Depende.

O xerife avançou até à mesa e perguntou:

— Posso sentar-me?

— E beber na minha companhia se não tem inconveniente.

— Porque haveria de ter? — E acrescentou sorrindo —: Desejo apenas fazer-te umas perguntas.

— Eu conheço-as. Como me chamo, em que e com quem trabalho... Enfim, a mesma coisa de sempre. Mas aquele é que devia pôr a chapa. É instigador dessas perguntas, não é verdade?

Os clientes riram ao ouvirem Dan.

— Desde o princípio que devia perguntar-te tudo isso.

— Que se passa? Os forasteiros assustam-no?... É ganadeiro?

— Pois claro que sou ganadeiro. Aí tens a explicação por que me preocupam os forasteiros.

— Receia que sejam Rurais, não?

Os clientes continuavam a sorrir.

— Estás a ver, xerife. Está a rir-se de ti.

— Não falo com, mas consigo. Que é que receia dos forasteiros?

— Continua sem dizer como se chama e o que procura aqui, xerife.

— Ena! Vejo-o muito interessado na minha pessoa.

— Porque não lhe pergunta onde arranjou aquele cavalo tão bonito?

— Hum... Não me agrada. Porque não põe, por uma vez a chapa?

— Cale-se, «mister» Gaston!... — disse-lhe o xerife.

— Não vê que ele se ria?

— É o senhor quem está a incomodá-lo.

— Que vos parece? — observou um outro cliente — Teremos que pensar noutro peito para essa chapa.

— Cala-te! — berrou o xerife —. Já é bastante o que o teu patrão diz...

— Mas ele continua sem dizer o seu nome e o que procura.

— Estejam tranquilos, irmãos! Não sou Rural nem delegado de qualquer autoridade... e o que vão fazer é deixarem-me tranquilo. Estou esfomeado e cheguei com muita sede. Tranquilos!... Não sou autoridade. Não temam!

— Deves desculpar, rapaz — disse o xerife —. Deixemo-lo tranquilo.

— Que importância ele lhe liga, xerife — comentou o ganadeiro —. É possível que aquele tenha dito a verdade. Não serve para xerife.

— Um momento!... Chamo-me Dan Sherman. É possível que algum de vós tenha ouvido falar das nossas reses. Tenho um Rancho em Dallas. Vejam se coincide o meu nome com o ferro do meu cavalo. E agora, como se chamam vocês? Creio que também tenho o direito. Não lhes parece?

— O nosso nome não te importa e não acredito que te chames assim — disse o vaqueiro —. Não é difícil arranjar um nome que coincida com o ferro.

Dan levantou-se com naturalidade, encaminhando-se para o vaqueiro.

— Marchem daqui e deixem-me tranquilo! A minha paciência está a esgotar-se. E não voltem a repetir nada nesse sentido!...

— Ele tem razão — observou o ganadeiro —, eu também não acredito que...

Ele não podia esperar o castigo e a velocidade com que foi desferido.

Quando o outro caiu inconsciente, Dan exclamou:

— É insuportável o cheiro a cobarde que ele deita! Levem, rápido, este lixo daqui!

Como verificaram que ele estava atento, transportaram o ganadeiro inconsciente para casa do médico. Então Dan disse ao xerife que procurava Mike Deschutes. O xerife informou-o de que ele já não se encontrava na comarca. Havia saído para trabalhar num Rancho um pouco afastado.

— Trabalhava precisamente para esse ganadeiro que agrediste. Discutiram e, depois de Mike se despedir, o ex-patrão acusou-o de ladrão. Claro que não concedi grande importância a essa acusação. Antes, era um grande rapaz. E como se despediu, passou por ladrão.

— Sabe onde ele se encontra?!...

— Não estou muito seguro, não. Foi para o Norte e ouvi dizer que estava nesse tal rancho. Quem o disse foi um dos antigos companheiros da casa de Clem...

— Gostaria de falar com esse vaqueiro.

— Depois do que aconteceu, o meu conselho é que saia daqui... Esse Clem não é boa pessoa. Há já algum tempo que vejo isso...

— Não se preocupe. Zangado, não sou muito recomendável. E se for obrigado, matarei.

VIII

CAPíTULO

— Não compreendo a atitude de Clen... — dizia o xerife.

— Se eu usasse esse emblema, preocupar-me-ia com o medo que ele tem pelos forasteiros. Há-de haver qualquer razão. Ele é de cá?

— Não, mas já cá está há uns anos. O que me admira é que se tivesse pegado com Mike, pois parecia que se conheciam de qualquer lugar. E agora, chama-lhe ladrão...

— Há muito tempo que o Mike se foi embora?

— Uns meses. Não muitos.

— Esteve cá muito tempo, não?

— Uns anos...

— E só agora é que deu conta de que é um ladrão? — observou Dan, rindo. — Interessa-me encontrá-lo. Faça com que esse vaqueiro que era seu amigo me venha falar. Talvez Mike lhe tivesse dito para onde ia.

— Disse-se que esse rancho está bastante longe daqui... Perto de Tyler

— Lembra-se do nome do rancho? E esse vaqueiro?

— Não sei

Antes de chegar a casa do médico Clem recuperou os sentidos e principiou a chamar traidor e cobarde a Dan, dizendo que era necessário castigá-lo como merecia.

— Não devia ter-lhe falado do cavalo. Parece um bom rapaz. Veio procurar o Mike.

— Claro! Outro ladrão como ele. Sem dúvida que esperava encontrá-lo para levarem o gado que tanto me custou a juntar.

— Não deve falar assim de Mike... É um grande rapaz.

— É um ladrão! Já o era há anos na Rota... E não se modificou.

— Conheceu-o lá? O senhor também andou por ali?...

— Estás a interrogar-me?

— Não faço mais que comentar o que diz. Trabalhamos com o Mike e nunca vimos nada que fosse suspeito. Eu não acredito que ele tenha levado um só vitelo...

— Não me agrada que o defendas...

— Não vi nada de mau. E, se pelo facto de se zangar e despedir passa a ser um ladrão, então temos que pensar que poderá acontecer o mesmo connosco. Zangaram-se porque ele não quis ficar e partiu durante a noite.

Pouco depois o xerife foi saber como se encontrava o ganadeiro.

— Está contente? — vociferou Clem. — Ele agrediu-me à traição e certamente não o prendeu...

— Não há razão para o fazer.

— É um ladrão! Vinha procurar o Mike para levarem o meu gado.

— Não deve prosseguir com os insultos. Ele quer ver o Mike. E não é nenhum ladrão. É um ganadeiro de Dallas. Ele e a irmã possuem um dos melhores ranchos da região. E agora, com o petróleo que sai dos seus campos, ficarão imensamente ricos.

— Isso é o que ele diz. Mas certamente esse cavalo foi roubado.

— Não prossiga com os insultos — avisou o xerife.

— Mike está a trabalhar no «Oasis» — informou um vaqueiro.

— Está a ouvir, xerife? No «Oasis»... Não é um rancho de ladrões?

— É a primeira notícia que tenho.

— Façam perguntas em Corsicana. É a povoação mais próxima desse rancho.

— Não disseram que ele tinha ido para os lados de Tyler? — observou o xerife.

— Sei que está nesse rancho.

— Avisarei o xerife de Corsicana para que tenha cuidado com ele...

— Se o Mike sabe que lhe chama ladrão, não dará muito pela sua vida — disse o mesmo vaqueiro.

— Está muito aborrecido e não sabe o que diz.

— E este rapaz é um ladrão, tal como o outro.

Como a hemorragia não parasse viu-se ne necessidade de ir ao médico para ser tratado. O nariz foi tratado em poucos instantes, pelo que não existia gravidade.

Quando Clem saiu foi ao escritório do xerife.

— Já se sabe onde está o Mike — informou. — É preciso ir procurá-lo. Tem um cavalo que me pertence...

— Um momento — cortou o vaqueiro que o acompanhava. — Esse cavalo foi-lhe oferecido por si diante de várias testemunhas... Não pode dizer agora que ele lho roubou.

— O que tens a fazer é calar a boca, se não queres sair do rancho.

— É o que eu vou fazer. E não diga depois que também sou um ladrão. Esse cavalo paguei-o, lembra-se?

— Eu não disse nada.

— Pois vai dar-me um certificado de compra. Não quero que me faça o mesmo que fez com Mike. E parece-me que

se souber o que anda a dizer, será ele a vir procurá-lo. Como eu farei se souber que me chama ladrão. Passe já esse certificado de venda do cavalo para que o xerife assine como testemunha.

— Não vou reclamar esse cavalo...

— De qualquer modo vai fazê-lo. E todos aqueles que pagaram o seu cavalo, devem fazer o mesmo. Estamos a ver que chama ladrão a quem se vai embora.

Os vaqueiros fitavam Clem com franca hostilidade e este teve medo.

— Fiquem tranquilos. De vós não poderei dizer o mesmo...

— Também não pode em relação a Mike e está a fazê-lo.

— Pensas que tenho medo dele?

— Eu não penso nada. Mas deve saber como fala.

— E não faça comentários acerca desse rapaz — atalhou o xerife. — Pretende falar com Mike sobre um tal Emil que foi seu sócio e morreu.

— Isso é o que ele diz... Não vai confessar que vinha pelo meu gado.

— Você vai-me aborrecer, Clem!... — avisou o xerife.

O ganadeiro saiu acompanhado pelos vaqueiros, mas depois de ter passado os respectivos certificados.

Momentos depois o xerife contou a Dan o que o vaqueiro havia dito. Aquele alegrou-se por estar mais perto do que o xerife pensava.

— Descansarei um dia e em seguida irei procurar esse rancho — informou Dan.

O representante da autoridade dirigiu-se ao telégrafo para comunicar com os Rurais em Fort Wort.

Dissera que havia feito parte dessa Companhia uns anos antes. Mas a esposa obrigou-o a retirar-se quando montaram aquele negócio.

Principiava a anoitecer quando Clen, o capataz e outros vaqueiros voltaram à povoação. Encaminharam-se para um outro bar.

Alguns minutos depois apareceu, receoso de que tivessem voltado para molestarem Dan.

— Pensa que eu posso esquecer o que ele me fez? — vociferou Clem.

— Deve estar tranquilo, patrão... — observou um dos vaqueiros. — Nós nos encarregaremos de lhe dar o castigo que merece. Embora devessemos principiar pelo xerife que já há bastante tempo não nos estima...

O representante da Lei ficou um pouco assustado pois sabia que nesse rancho havia mais que um homem procurado.

— O que o xerife tem que fazer é não interferir nem procurar impedir o castigo a dar a esse ladrão.

— E para não sofrer deve meter-se na cama.

— É um inútil... Foi corrido dos Rurais e o negócio que montou com a esposa foi por água abaixo. Fizeram-no xerife por ter estado nesses Rurais.

— Nada de avisar esse ladrão! — ordenou Clem. — Um de vocês deve ir com o xerife para se certificar de que fica em casa.

Assim, um dos vaqueiros acompanhou até sua casa o representante da Lei.

Mas foram vistos por um dos clientes do outro bar e comentou o facto junto de Dan.

— Não me agradou a forma como o acompanhava — acrescentou.

— Tens a certeza que se tratava de um vaqueiro do Clem? — perguntou o dono do «saloon».

— Absoluta. Conheço-o muito bem. E Clem está com alguns vaqueiros no outro bar.

O proprietário da casa olhou para Dan dizendo-lhe:

— Devias ter ido embora!

— Não se preocupe. Nada vai acontecer!

— Conhecemos essa equipa...

— Estarei atento à porta. Fique tranquilo. Verá como nada acontecerá. O que devem fazer é servirem-me o jantar. E não se preocupe mais com esses cobardes.

Todos os clientes ficaram atentos à porta.

E ficaram silenciosos quando apareceram dois vaqueiros de Clem.

Quando estes olhavam em todas as direcções ouviram Dan dizer:

— Estou aqui!...

Surpreenderam-se e, como não viam o jovem que se encontrava atrás deles, levantaram as mãos, assustados.

— Porquê todo esse medo? — perguntou Dan. — Podem baixar as mãos. Procuravam-me?

Ambos, ao voltarem-se e verem Dan sentado a uma mesa, puseram-se a rir.

— Pensámos que tinhas uma arma na mão.

— Por que havia de ter? Será que me procuram com más intenções?

— Agrediste o meu patrão...

— Porque me chamou ladrão. E isso é de cobardes. Não se admirem porque eu disse-lho,

— Não queremos que vás embora sem seres castigado por isso.

— Não seria lógico que o vosso patrão o tentasse? Foi ele o agredido. Mas não creio que tenha consequências.

Os dois vaqueiros entreolharam-se.

— Por que não veio ele? Confia em vocês?

— Sabe que pode fazê-lo... — respondeu um deles, rindo.

— Fizeram-no acreditar que são bons atiradores, não?

— Já te disse que ele sabe isso perfeitamente.

— Teria rido às gargalhadas se vos visse com as mãos sobre a cabeça...

— Porque pensávamos que tinhas a arma empunhada.

— Isto é, se assim não fosse não haveria salvação para mim? Parece-me, pelo que dizem, que vêm confirmar ao vosso patrão de que são invencíveis com o «Colt». Há muito tempo que vocês o enganam?...

— Ainda não atentaste na tua verdadeira situação...

— Não me digas! — exclamou Dan, rindo.

— Sabes a que viemos?

— Já o disseste antes. Castigarem-me pela trepa que dei ao cobarde do vosso patrão, embora devesse ser ele a tentar... Mas como é tão cobarde, isso explica-se.

— Não sei o que pensar de ti!... — disse o outro. — Ainda não deste conta de que viemos para te matar?

— É possível?!... Mas eu não vos fiz nada!...

— Tens estado a insultar o nosso patrão.

— Não me digas que consideras um insulto dizer que ele é um cobarde. E vocês, dois parvos, vieram para morrer por uma tontaria. Porque, já que confessaram a vossa intenção, matarei os dois.

Os dois vaqueiros movimentaram as mãos na direcção das armas.

E sem se mexer, aparentemente, sem alterar a sua posição, Dan disparou, matando-os.

As testemunhas não acreditavam, apesar de terem presenciado.

— Quem lhes disse que eram velozes e seguros?! — perguntou o jovem, recarregando a arma.

— Pois tinham fama de ser isso... — murmurou um dos clientes. — Os mais perigosos dessa equipa.

— Não passavam de novatos!...

Um vaqueiro que entrou no bar, disse:

— Ouvi disparos no «saloon»... Que se passará?

Clem e o seu capataz entreolharam-se, sorridentes.

— Serve-nos de beber — ordenou o capataz ao «barman». — E pôs mais dois copos.

— Tens a certeza que eram tiros?

— Pois foi o que me pareceu. E vários, não um só.

— Os seus dois vaqueiros?... — murmurou o dono do bar, receoso para Clem. — Foram procurar o forasteiro?!

— Homem... Sim, encontraram-se como ele... E preciso pensar que ele me agrediu à traição e isso não agradou aos rapazes...

— Vi um bonito cavalo!... Refiro-me ao que vi junto do «saloon», antes de o levarem para o estábulo.

— Possivelmente é roubado. Não há dúvida que se tratava de um ladrão.

— Disse tratava?!... — exclamou o proprietário.

— Se este aqui disse que ouviu disparos no «saloon» e lá estavam os dois vaqueiros, é muito provável que tenham discutido com o forasteiro.

O capataz insistiu em pedir mais bebida.

O seu pedido foi atendido e levaram-lhe dois copos mais.

Passaram-se alguns minutos e os dois vaqueiros não regressavam.

— Não sei por que esperam... — observou Clem. — Não têm por que estar ali mais tempo.

— Devem estar a beber, justificando-se assim a sua estadia no «saloon».

Um dos clientes, junto do balcão, disse:

— Parece que Clem e o capataz estão inquietos...

— Principiam a recear que a verdade dos disparos seja outra. Não fazem outra coisa do que olharem para a porta.

Um novo cliente que entrou encaminhou-se para o balcão.

Quando viu Clem, anunciou:

— Dois dos seus vaqueiros estão à porta do «saloon» para serem levados pelo coveiro. Quiseram disparar sobre o forasteiro a quem disseram que iam matar; mas encontraram de frente as balas desse rapaz... Nem queiram saber como aquele forasteiro maneja a arma!... É algo excepcional!

— Ele matou os dois?...

— Com a maior facilidade. E sem vantagem, claro. Disse-lhes, com um sorriso, que, manifestada a sua intenção, seria ele a matá-los. E fê-lo, não sem deixar que os outros se defendessem. Mas a diferença era enorme em segurança e velocidade.

Clem não reagia. O mesmo se passava com o seu capataz.

Estavam a dar-lhes a notícia que menos esperavam, mas que principiaram a temer uns minutos antes.

Por seu turno, o vaqueiro que acompanhara o xerife para que não avisasse o Dan, principiava a sentir-se inquieto no escritório do representante da Lei.

O patrão ficara de lhe enviar recado quando a função acabasse e já se passavam alguns minutos sem que alguém aparecesse.

No silêncio da noite ouviram-se os tiros, um tanto amortecidos pela distância, mas bastante perceptíveis.

— Já está!... — exclamou o vaqueiro. — Creio que já posso ir embora.

Poucos minutos depois, o xerife saiu do seu escritório.

O primeiro dirigiu-se para o bar e o segundo para o «saloon».

E quando o xerife viu Dan, pôs-se a rir.

— Já vejo que não puderam contigo!... — exclamou.

E contou o que se passara com Clem.

— Recebeu boa surpresa se lhe disseram já que os mortos foram os seus dois homens... — acrescentou o homem da Lei.

Dan principiou a comer como se nada tivesse acontecido, enquanto que Clem, completamente assustado regressava ao rancho com o capataz e os vaqueiros. Nem ele nem o capataz falavam. Quando os vaqueiros entraram no dormitório, os companheiros que estavam deitados, olharam-nos com curiosidade.

— E os outros? — perguntou um.

— Serão enterrados amanhã. Encontraram pela frente o chumbo do forasteiro.

O homem assobiou surpreendido e acrescentou:

— Como estará o patrão!...

— Aterrado — disseram os seus três companheiros.

— Não havia razão para querer matá-lo... O patrão insultou-o várias vezes. O menos que podia esperar era levar uma sova. Agora, quando o vir atirará para matar.

— Não acredito que o patrão vá amanhã aos funerais, se o forasteiro continuar na povoação.

IX

CAPÍTULO

— Vocês não devem falar assim — dizia o xerife no dia seguinte a dois ganadeiros. — Foi o Clem quem insultou esse rapaz desde o momento em que este chegou. E quando disse que andava à procura do paradeiro de Mike, insistiu em afirmar que se tratava de um ladrão.

— É o que disseram desse vaqueiro...

— Todos sabem que, enquanto esteve no rancho, esse vaqueiro era dos melhores e mais honestos... Os companheiros dizem que ele se zangou com o patrão porque não quis permanecer ali. Agora diz que o cavalo, que ele lhe ofereceu, foi roubado...

— Não é hábito oferecer cavalos aos vaqueiros...

— E nós não conhecemos este forasteiro... — disse o ganadeiro.

— Tenho aqui a resposta a um telegrama que ontem enviei. Podem ler. Trata-se de um dos mais importantes de Dallas. E o comandante da Companhia dos Rurais em Fort Worth garante que ele saiu de Dallas, rumo a Waco, à procura de um vaqueiro...

Os dois homens leram o telegrama.

— Sim... Não há dúvida — disse um deles. — Parece-me que esse rapaz tinha toda a razão.

Nesse momento Dan apareceu e os três homens calaram-se.

— Olá, xerife! — cumprimentou o jovem, ignorando os outros. — Esse cobarde não veio? Vou-me embora. Mas não me agradaria fazê-lo sem castigar quem enviou gente para me matar...

— É possível que tenha sido obra de apenas esses dois.

— E levaram-no para o escritório para não me avisar do que propunham fazer? O senhor sabe que era uma ordem dele! Não me agrada essa defesa!

— Considero que já há mortos a mais...

— Lamento, xerife... Mas vou matar esse patife! Não irei embora sem o fazer. Chamou-me ladrão e mandou matar-me. Espero que venha assistir aos funerais dos homens que, afinal, ele matou. Porque, na realidade, foi ele o autor, ao enviá-los contra mim.

Mas alguém foi ao rancho de Clem, avisá-lo do que Dan dissera.

E um dos vaqueiros perguntou ao capataz:

— Tu e o patrão não vão aos funerais?

— Creio que os mortos não se importarão, se formos ou não... — respondeu, sorrindo.

— Vocês devem ir, já que os mandaram ter com o forasteiro.

— Estávamos enganados! Diziam ser os melhores do Texas e não passavam de dois novatos.

— Enfrentaram-se com um homem que é algo de excepcional...

— Não passa de um pistoleiro, além de ladrão de gado.

— Vocês deviam saber o que se passa na povoação. Trata-se de um dos ganadeiros mais importantes de Dallas e o comandante dos Rurais responde por ele e confirma que saiu de Dallas à procura de um vaqueiro em Waco. É o que disseram ao xerife em resposta a um telegrama que este

enviou. Não se pode continuar a dizer que se trata de um ladrão...

— Como não é justo insistirem em dizer que Mike também é um ladrão.

Para Clem, o telegrama recebido pelo xerife foi uma surpresa muito desagradável.

E, em face disso, não estava disposto a ir aos funerais.

Mas Dan, sentido despertar em si o homem que foi durante uma temporada, não estava disposto a ir-se embora sem o ter castigado.

E por esse motivo enganou toda a gente, incluindo o representante da Lei, afirmando que se ia embora.

Tinha a certeza que Clem, ao saber isso, se apresentaria na povoação.

E não se enganou. Quando, no rancho, Clem soube da partida de Dan, disse:

— É preciso dar uma lição ao xerife. Não acreditamos que aquele telegrama seja verdadeiro. Deve estar a rir-se de nós.

O capataz e três outros vaqueiros, vindos de longe, concordaram.

Ao cair da tarde do dia seguinte aos funerais, dois dos vaqueiros de Clem, dos três que não eram dali, chegaram ao povoado, acompanhando o patrão.

O xerife bebia e conversava com alguns ganadeiros e «cow-boys».

Não se mostrou surpreendido com a entrada de Clem.

— Olá, xerife! — saudou. — Disseram-me que recebeu um telegrama dos seus velhos companheiros...

— Sim... e nele se prova que esse rapaz havia falado verdade. É um dos ganadeiros mais importantes do Texas...

— Ele enganou-os a todos com essa história...

— Podem perguntar à «Western».

— Você pôs-se de acordo com ele.

O dono do «saloon», que era o único a conhecer o que se passava com Dan, sorria, ouvindo a conversa. Clem demonstrava ser um cobarde.

— Tem que se convencer, Clem, que não foi justo com esse rapaz.

— Ele não provou ser um pistoleiro? Surpreendeu os rapazes e matou-os.

— Foram eles que confessaram a intenção de o matarem. Há testemunhas.

— Podem dizer o que quiserem, mas eu conhecia-os bem e só por surpresa podiam ser mortos.

— Clem... — interrompeu um ganadeiro. — Por que não apareceu enquanto esse forasteiro aqui esteve?!...

— Não pude. Mas não pense que lhe tenho medo...

— Xerife! — exclamou um dos vaqueiros de Clem, com a arma empunhada. — Tire já essa chapa. Não queremos um xerife que ajude os ladões a fugir daqui...

— Deve obedecer — interveio Clem. — Vamos escolher outra pessoa para usar esse emblema.

— Já pensaram no delito que cometem?

Os cinco homens riram às gargalhadas.

— Não se preocupe... Você não verá o que se irá passar — disse o vaqueiro. — E levantem já as mãos... todos... Desarma-os... — acrescentou, voltando-se para um companheiro.

Mas nesse momento, vários tiros feriram o que empunhava a arma e os outros dois vaqueiros. Mas a estes dois Dan disparou para matar.

A surpresa do inesperado ataque fez Clem olhar em todas as direcções. E o seu rosto ficou lívido, ao ver Dan na sua frente com uma arma em cada mão.

Os ganadeiros e «cow-boys» que ali se encontravam, lançaram-se sobre Clem, o capataz e o vaqueiro ferido.

Nada se pôde fazer por eles. Foram chacinados em poucos minutos.

— Estavam disposto a matarem-me — disse o xerife a Dan, quando lhe agradeceu a intervenção.

— Creio que o xerife tem razão... Estavam dispostos a matá-lo. E teriam posto o emblema no peito de um desses três pistoleiros.

— Eu sabia que viriam, se acreditassem que eu me afastara... — disse Dan.

— Mas vieram dispostos a matar.

Um amigo de outro vaqueiro do rancho de Clem, que foi dar a notícia da morte dos cinco homens, provocou a fuga dos restantes. Estes tinham medo de serem mortos também.

Na manhã seguinte, Dan despediu-se do xerife e de alguns ganadeiros. Na revista feita ao quarto de Clem, o xerife encontrara um velho edital que devia referir-se a Clem alguns anos antes. E ao saber isso, Dan percebeu por que tinha tanto receio dos forasteiros.

Mas, por outro lado, isso fê-lo pensar em Mike. Se conhecia Clem desde aquele tempo, não seria igual?

Porém, o que lhe interessava em Mike era o que ele pudesse saber acerca de Emil.

No entanto, enquanto se dirigia para Corsicana, não podia deixar de pensar em que Mike fosse como Clem, tendo tido também um edital reservado.

Se desde tão longe tinha ido para Waco trabalhar com Clem, tudo indicava existir uma grande amizade entre ambos. Mas o aborrecimento de Clem pelo afastamento de Mike, era o que desconcertava o jovem.

E lamentava que uma vez mais as circunstâncias o tivessem obrigado a matar.

Quando chegou a Corsicana, uma povoação ainda mais pequena que Waco, desmontou frente ao único bar existente.

E entrou, decidido a perguntar pelo «Oasis». Tinha pressa em encontrar o homem que procurava. A sua busca estava a tornar-se complicada.

Contou nove cavalos presos ao varal. Pensou que seria o número de clientes lá dentro, embora os ali residentes não precisassem de montada.

Recordou a sua entrada no «saloon» de Waco. Também naquele bar se fez grande silêncio quando apareceu.

Avançou até ao balcão e, antes de pedir qualquer bebida perguntou pelo rancho que lhe interessava.

De imediato verificou o desagrado geral causado pela sua pergunta.

Pediu depois cerveja e, enquanto bebia, perguntou:

— Que se passa com esse rancho?

— Não está longe.

— Eu sei. Não é estimado, não é assim?

— Por que fazes tantas perguntas? — inquiriu um indivíduo que estava sentado na companhia de outros em redor de uma mesa.

— Porque me interessa. Procuro um amigo que, disseram, trabalha nesse rancho. Chama-se Mike Deschutes. Algum de vocês o conhece?...

— Ena! — cortou o homem que falara anteriormente. — Vocês não ouviram? O forasteiro procura esse amigo...

Muito sereno, Dan perguntou, com um leve sorriso:

— Quem és tu? O bobalhão do local, ou apenas um cobarde?

O homem deixou de sorrir e ficou silencioso.

— Que se passa contigo, bobalhão? Perdeste a fala — perguntou Dan.

Os companheiros levantaram-se, afastando-se e deixando-o

— Bom!... Não... quis... in... incomodar!... — respondeu a tremer.

— Tu não podes incomodar, bobalhão... És demasiado cobarde.

Um dos clientes saiu para, apressadamente, chamar o xerife.

E este não tardou a entrar no bar, com a mão apoiada na coronha do revólver.

— Cuidado, xerife! Que se passa? Creio que faço mal em não disparar sobre você — disse Dan, com um «Colt» em cada mão. — Suponho que não pensou que não se pode entrar com a mão apoiada na arma... Não volte a fazer isso!

— Não penses que ia disparar...

— De verdade?... Porquê, então, a mão na arma?

— Não sabia o que se passava...

— Compreendo... Que lhe contaram?

O homem que havia entrado com o xerife, procurava retroceder.

— Quieto, irmão!... — gritou Dan. — Foste tu quem chamou o xerife, não é assim?

— É verdade. Ele foi procurar-me.

— E que lhe disse?

— Que havia um pistoleiro do «Oásis» que queria matar o James...

— Interessante! Como então, foste mentir?

O homem não conseguia falar.

— Este rapaz veio aqui perguntar pelo rancho — esclareceu o «barman».

— Isso quer dizer que não pertenço ao rancho, não é verdade? — observou Dan.

— James estava a gozá-lo — acrescentou o «barman».

— Já pensou que eu podia tê-lo alvejado, xerife? Nunca mais entre assim num local destes. E tu, bobalhão, não voltes a brincar com os forasteiros. Sobretudo por seres tão cobarde... Quanto a ti, mentiroso, devia matar-te...

E, dizendo isso, agrediu-o com a coronha de uma das armas. O homem caiu no solo sem conhecimento. Dan perguntou qual o caminho que devia seguir para chegar ao rancho e, colocando uma moeda sobre o balcão, saiu.

— Xerife! — exclamou um dos companheiros de James. — Vai deixá-lo ir sem ser castigado?

— Que fez ele para ser castigado?

— Disse que podia matá-lo! É um pistoleiro!

— O que disse é razoável. Esse é que não devia ter-me enganado.

— Repito que é um pistoleiro! Devíamos ter disparado pelas costas. Pertence a esse maldito rancho!

— Obrigado, xerife!... Não discuta com ele. É melhor que ele o faça comigo.

Era Dan quem assim falava, junto da porta.

— Não me deixem sozinho! — gritou o homem, ao verificar que todos os outros se afastavam.

— Não precisas de ninguém, valente!

— Escuta, rapaz... Eu penso que...

— Não continui a falar, xerife, ou disparo sobre si também!... Não ouviu o seu «piedoso» desejo?... Pois então vai defender-se. Já é muito dar-lhe a possibilidade de conservar a sua vida de cobarde! Queria que disparassem sobre mim pelas costas... Deves defender-te porque, de qualquer forma

vou matar-te! Não podes fazer ideia como odeio os cobardes como tu!...

— Xerife! Tem que me ajudar. Sempre disse que os vaqueiros desse rancho são pistoleiros e ladrões de gado! Que fazem vocês? Sois muitos para ele e, se dispararem pelas costas...

— Defende-te, cobarde!...

Dan disparou várias vezes sobre ele.

— Xerife! — disse, uns segundos depois. — Espero não ser obrigado a matar mais alguém. Se têm alguma coisa contra esse rancho, o que têm que fazer é ir lá abertamente.

— Quando chegares ao «Oásis» — aconselhou o «barman» — conta-lhes a verdade. Que são poucos que odeiam quem lá está. Não se deve medir todos pela mesma bitola.

Dan não desejava continuar a falar. Abandonou o bar e, montando a cavalo, afastou-se.

Minutos depois, um dos clientes disse, voltando-se para o representante da Lei:

— Xerife! Esse rapaz foi-se embora e, pelo menos devia ter sido preso para ser julgado.

— Não fez nada para tal. A verdade é que esse falou em disparar pelas costas.

— Fique sabendo que ele pertence a esse rancho.

— Não acredito que pertença lá. Não sabia onde se situa... E, na verdade, o que se fala desse rancho não é mais do que tagarelice. Não existe uma só prova do que dizem...

— E a falta de gado?...

— Sabe-se que são eles?

— Não podem ser outros!...

— Está muito longe para que sejam eles quem o levam.

— Não pode negar que são eles que o roubam.

— Não se pode provar.

— Repito que não podem ser outros. Todos nós o sabemos... É uma surpresa que os defenda.

— Não defendo. Sou é realista. Não me apresentaram uma só prova de que seja o que vocês dizem.

— É muito estranha essa atitude!... Não estará apaixonado pela Katty?...

O xerife pôs-se a rir.

— Também dizem isso? — perguntou. — Se o caso do roubo de gado for como a minha paixoneta, não há dúvida que não existe nesse rancho uma rês que não tenha o seu ferro. Penso que será conveniente visitar as Rutter e dizer-lhes o que se comenta na povoação. Devem poder defender-se...

— Diga o que quiser, mas são eles quem levam o gado que desaparece. E é em grande quantidade.

— Esse pistoleiro devia ter ficado detido — disse outro.

— Por que não falaram enquanto ele aqui esteve?

— Não há dúvida que é um pistoleiro!...

— Devemos esquecer o assunto. Tratem desse...

X

CAPÍTULO

— Alto!

Dan olhou em redor. Na sua frente apareceram dois cavaleiros.

— Não irás enganado, rapaz? — observou um deles.

— Se são correctas as referências que me deram, não...

— Isto é uma propriedade privada.

— Também é caminho de passagem, não?

— Claro. Foi feito para dar acesso às vivendas. Pois o que deves fazer é dar meia volta e quando chegares ao portaló, toma a direcção que entenderes, menos a que agora levas.

— Afirmaram-me que este é o caminho que devo seguir para chegar à vivenda principal de um rancho chamado «Oásis».

— Que procuras no «Oásis»? E para quê?

— Tens a certeza que é esse o rancho que procuras?

— A que propósito vem tantas perguntas? Não vejo, em vocês, nenhum emblema de xerife.

— Não sejas engraçado... Embora te pareça estranho, não chegarás a essas vivendas sem primeiro responderes às nossas perguntas.

— De verdade? Pois desmontem já, com as mãos muito levantadas!... — disse Dan, empunhando uma arma em cada mão. — E cuidado com os erros que não têm remédio.

Assombrados, mais que surpreendidos, os dois obedeceram e foram desarmados por Dan.

— Agora montem e indiquem-me o caminho.

— Repito, não cometam nenhum erro... Nada acontecerá, porque, na realidade, nem vocês nem eu temos motivos para disparar. Vocês andam a vigiar os caminhos?

— Vimos-te à distância e, como eras desconhecido, pensamos que vinhas enganado.

— Digamos que não são muito atentos... Receiam os forasteiros?

— Queríamos saber por que procuras este rancho.

— Que se passa com ele? Parece-me que vocês não são muito estimados nas povoações limítrofes. Falar deste rancho é falar na corda em casa do enforcado... Ena!... Já vejo as edificações! Parecem grandes!...

— Não penses que temos medo dos forasteiros... Pensamos apenas fazer-te umas perguntas.

— Sem qualquer direito para tal, não é verdade?

— Surpreendeste-nos.

— Vocês estavam dispostos a fazer alguma coisa que não seria justo. E não gosto que façam isso comigo.

Chegaram junto das vivendas e uma rapariga muito bela, devia admitir-se, fitava-os com enorme surpresa.

— Que aconteceu?!... — exclamou. — Por que tem este estranho as vossas armas?

— São demasiados curiosos e, como não vi em nenhum deles a chapa de xerife, tive que os desarmar para deixarem que eu prosseguisse o caminho. Estavam teimosos, querendo saber o que vim fazer a este rancho.

— E, se for eu a perguntar, responderás?

— Depende da espécie de perguntas que faças.

— Sabes que estás na minha propriedade?

— Cheguei aqui por um caminho público, sem qualquer indicação de proibição — respondeu Dan, sorrindo.

— Isso é verdade. Já há tempos que devia ter sido colocado o sinal de proibição.

— Apesar de tudo é a mesma coisa, já que era este rancho que eu procurava, porque me afirmaram que aqui trabalha um amigo que desejo ver; chama-se Mike Deschutes. Continua por cá.

— É certo... Trabalha aqui... Deves desculpar. E entrega as armas a esses dois. Se tivesses começado por aí...

— Bom, o que se passou nada representa. Não creio que me guardem rancor por os ter desarmado. Tomem! Mas repito uma vez mais! Cuidado com os erros.

Dan tinha sabido ler a expressão impressa no rosto dos dois vaqueiros. Tinha a certeza de que, quando se vissem com as armas, iam cometer uma grande asneira. Sem dúvida que desejavam agradar a essa rapariga, que pareceu desgostosa por os ver sem armas. Quando retomaram as armas, os dois vaqueiros sorriram; e um deles, ao sentir o «Colt» no coldre, e vendo que Dan tinha os seus metidos nos coldres, disse:

— Não gostei de ser surpreendido por ti, como o fizeste.

— Penso que devemos esquecer isso, não te parece?

— Claro! Agora verificas que a situação mudou, não é?

— Penso que não há razão para lutar.

— No entanto, surpreendeste-me...

— Creio que te chamas Katty, não é verdade?

— É esse o meu nome.

— Estimas este rapaz?... Se assim é, deves aconselhá-lo a que não seja louco... Está a pensar em qualquer coisa que lhe vai custar um sério desgosto. Será que tem por cá fama de perigoso? Nesse caso aconselha-o a ter calma.

— O que dizes é bastante razoável. Se antes o surpreendeste...

— É que agora não o desarmarei. Mato-o e tu terás muita culpa.

— Ena! Te crês tão extraordinário? — observou ela, rindo.

— Hum!... Não me agrada!... Vamos, rapaz... Esquece tudo e vai-te embora... Não te deixes arrastar pela vaidade.

— Não penses que poderás fazer o mesmo.

— Repito que não há razão para lutar.

— Rex! Que se passa? — perguntou uma mulher de uns cinquenta anos. — Quem é esse desconhecido?

— Venho procurar o Mike. Sou seu amigo.

Rex contou o sucedido no caminho e como foram desarmados por ele.

— E afirma que não gosta de ser interrogado se não vir um emblema de autoridade — acrescentou Katty, com ironia.

— Exactamente! E agora aconselhe este rapaz a esquecer a sua fama. Vai obrigar-me a matá-lo. Embora, na realidade, seria ela a culpada. Devia aconselhá-lo a esquecer o que sucedeu, que não teve tanta importância como lhe querem dar.

— Pensas que poderás matá-lo? Agora não estará tão descuidado como antes.

— Penso que quando for obrigado a disparar contra ele, farei o mesmo contigo... — respondeu Dan com naturalidade. — No campo nunca procuramos saber se a serpente é fêmea ou macho.

— Basta! — gritou a mulher idosa. — Sigam já para o vosos trabalho. E quanto a ti, cála-te! — acrescentou a mãe de Katty.

Esta deu meia volta e meteu-se em casa bastante aborrecida.

— Digam a Mike que venha aqui! — ordenou a mulher aos dois vaqueiros que principiavam a afastar-se.

— Obrigado... — Dan agradeceu. — Estavam a cometer um grande erro.

— Deves agradecer-me, mas sim por te ter salvo, pois ele estava disposto a matar-te.

— Se assim é, tenho maior motivo para lhe agradecer — respondeu Dan, sorrindo.

Os dois entraram no refeitório da casa. Katty, que se encontrava ali implicou com a mãe por esta ter intervido, pois eles tinham o direito de se sentirem zangados, uma vez que tinham sido desarmados por Dan.

— És um fanfarrão! Mas ela não te protegerá sempre!

— Calem-se os dois! É verdade que conheces o Mike?

— É a ele quem procuro. O ganadeiro com quem ele trabalhou diz que é um ladrão, embora o xerife não faça caso disso.

— Se não fosse por minha mãe...

— Não te agrada ser contrariada? Diria que estás mal educada.

— Atreves-te...

— Tens razão. Está habituada a fazer sempre o que quer... E creio que a culpa é minha.

— Suponho que os vaqueiros atendem os seus menores caprichos, porque devem estar enamorados dela. Engano-me? Ela atiça-os.

— Estão todos... — respondeu a velha.

— Vais continuar a insultar-me?!...

— Até agora não te insultou. O que ele disse é verdade.

— Vou...

— Quieta! Conheceu-te agora e se estás aborrecida com

ele é porque não te disse que és uma mulher bela... Isso é o que aborrece. Não por teres desarmados os dois.

A rapariga abandonou a sala e saiu de casa.

— É muito caprichosa!... Agora está enfadada. Cuidado com ela...

— Lamentaria ser obrigado a disparar sobre ela.

— É minha filha!...

— Mas conhece-a bem.

— Isso é verdade. Estou assustada porque acredito que não tenha bons sentimentos.

A mulher falou durante bastante tempo. Confessou que a rapariga era filha do seu segundo marido e que, na realidade, se sentia prisioneira pois, embora fosse a dona, era a rapariga e o capataz quem dispunham a seu bel-prazer. Não sabia o número de reses que tinha e ignorava que fossem odiados na região, acrescentando que isso seria obra da rapariga que lhe agradava que os seus vaqueiros fossem temidos.

— E agora sei que procuram fazer com que eu assine uns papéis que, certamente, me levarão a entregar-lhe a propriedade. Se não assino, serão capazes de me matarem... — disse, por fim.

— Por que não vem comigo?

— Porque não nos deixaram sair.

— Conseguiremos. Esteja certa disso.

— Não os conheces como eu!... Neste momento devem estar a dar instruções para sejas castigado. Fazem como se me obedecessem e respeitassem, mas a verdade é bem outra. Olha!... Não dizia! Aí vem o capataz que, com ela, são os verdadeiros donos disto.

O capataz entrou decididamente.

— Quem te autorizou a entrar? — perguntou a mulher.

— Venho para falar com este fanfarrão...

— Sai imediatamente!

— Eu disse...

— Deixe que ele fale comigo — disse Dan.

— De que te encarregou a tua amante?

— Que disse?! — exclamou surpreendido, olhando para a mulher.

— Vocês pensavam que me enganavam? Está aborrecida porque este não lhe disse que é muito bela. Quantos no rancho compartilham da sua cama? Não penses que sejas tu só. Não me olhes assim. É triste reconhecer, mas é a verdade.

— Fala de sua filha...

— Sabes que ela não é minha filha e, claro, que pela minha morte não herdará um palmo de terra, nem um vitelo... Assim está expresso no meu testamento.

— Isso não é verdade!

— Não te disse que ela não é minha filha?!... Claro... procura deslumbrar com uma riqueza que nunca conseguirá obter... Por isso não confessa a verdade!

— O que diz é que não é verdade!

— Pergunta-lhe!...

— Deixe que ele fale comigo — pediu Dan. — Ele não disse qual a ordem que a sua amante lhe deu.

— Desarmaste aqueles dois...

— Outra vez o mesmo? Que lhe disseste que ias fazer? É astuta. Verificou que existe perigo em mim e, como deve estar cansada de ti, esquenta-te o sangue para que seja eu a eliminar o que já não lhe agrada. Está cansada de ti e quer que tu te mates!...

— Tu, matares-me!... — exclamou o capataz, ao mesmo tempo que levava a mão à arma.

A mulher olhou para Dan e em seguida para a corpo estendido no solo.

— Nunca teria admitido que pudesses com ele! — murmurou.

Katty, que se encontrava com alguns vaqueiros numa das dependências destes, exclamou:

— Tiros! Acabou-se o fanfarrão!

— Vocês não ouviram?—perguntou o ajudante do capataz.

— Não perdeu muito tempo!

E os dois riram às gargalhadas.

— Como estará a minha mãe com o susto?

— O que vocês devem fazer é obrigá-la a assinar o documento que o advogado trouxe.

— Falarei com ela esta noite. Acabou-se a comédia do respeito e obediência.

— Aí vem o Mike — avisou um dos vaqueiros.

— Pois não vai poder falar com o amigo... — disse a rapariga a rir

E saiu ao seu encontro.

— Olá! Já vejo que te avisaram da chegada de um teu amigo.

— Assim é.

— Conhece-lo?

— Suponho que sim. Mas dir-lhe-ei quando o vir.

— Não creio que o possas fazer.

— Foi-se embora?

— Não.

— Então?

— Decidiu ficar para sempre... Disse que te conheceu em Dodge com um tal Emil.

— Um rapaz alto?...

— Sim.

— Que lhe aconteceu?

— O capataz decidiu ir vê-lo... — disse a rir a rapariga.

E contou o que se passara com os dois vaqueiros desarmados.

— E mataram o Dan sem traição?!...

— Ele era bom atirador? — perguntou Katty, sorrindo sempre.

— O melhor que conheci.

— Vamos, Mike... Estás a falar connosco... — observou o ajudante do capataz.

De súbito, um dos vaqueiros gritou:

— Olhem para ali!... É o capataz que está a ser arrastado!

— Não!... — gritou Katty aterrada.

— Surpreendia-me que sem traição pudesse com ele... — observou Mike, saindo. — Frente a Dan o capataz era um novato.

— Não há dúvida que os dois se conhecem. E ele é o melhor que Mike viu com as armas. Acaba de o demonstrar ao matar o capataz.

— Não podia esperar uma coisa assim.

Katty, muito cínica não se sentiu afectada pela morte do capataz. Afastou-se em direcção da vivenda principal.

Os dois homens comprimentaram-se com um abraço quando se encontraram. E Dan perguntou a Katty, quando esta passou por eles:

— O teu campeão fracassou! Qual foi o encargo que lhe deste?

— Eu?

— Que te disse ela, Mike.

— Que eu não podia ver-te, porque havias ficado para sempre em virtude da visita do capataz. E ficou petrificada

quando te viu arrastar o corpo de um dos seus amantes. Porque são muitos...

— Vês como ela chora os seus amantes... Os restantes que aprendam... — disse a velha. — Toca a sineta, Mike... Quero avisar o pessoal que este rapaz vai tomar conta do rancho.

— E tu serás o ajudante — disse Dan a Mike.

— De acordo.

Quando mais tarde os vaqueiros ficaram reunidos, a dona do rancho deu-lhes conta dos acontecimentos.

À quase totalidade, a morte do capataz não foi sentida, por ser pouco estimado. Tal como sucedia com Katty, que apenas era desejada como mulher e desprezada logo após satisfeito o desejo. Sabiam que se tratava de uma hiena.

Mas ela possuia armas para despertar a ambição do que havia sido ajudante do falecido capataz e de outro vaqueiro. A promessa de dinheiro e do seu corpo convenceram-nos. O vaqueiro, no entanto, pretendeu ser «pago» adiantadamente e foi castigado com a chibata e morto por ela. Mas a rapariga encontrou outro que se deixou convencer pelas promessas, com o fim de assassinar Dan.

Este encarregara-se de levar ao cemitério o corpo do capataz. Foi então que o vaqueiro lhe confessou a verdade. Todavia, Dan pensou que aquele não era mais que um assassino, que aceitara fazer parte de uma armadilha em que caiu e que por isso lhe custou a vida.

FINAL

O anterior ajudante do capataz e Katty sentiam-se impacientes, esperando que Dan não regressasse no carro que transportara o cadáver. E então falariam com a velha e Mike.

Entretanto, Dan aproveitou a oportunidade para convencer o xerife de que naquele rancho não havia uma única rês remarcada nem com outro ferro.

— O que tem que fazer — disse-lhe Dan — é ir lá com alguns ganadeiros e investigarem. Tenha a certeza de que os ganadeiros que acusam o «Oásis», são os verdadeiros ladrões do gado. Escudaram-se na fama desse rancho. Não importa que sejam os que melhor fama têm. Vai ver como eles se opõem a essa visita.

O xerife lembrou-se das palavras de Dan. Mas conseguiu que outros ganadeiros o acompanhassem.

Nessa visita incorporou-se o ganadeiro que acusava Mike de ladrão, com o fito de o eliminar.

Porém, o que conseguiu foi morrer às mãos de Dan.

O xerife, ciente do que Dan lhe contara, conseguiu que os ganadeiros que o acompanhavam, fizessem crer no rancho que o vaqueiro incumbido da morte do rapaz, havia partido na diligência.

Queria, com isso, tornar Katty confiante.

Quando viram Dan chegar na companhia do xerife e dos

ganadeiros, Katty assustou-se, mas ao conhecer a razão da visita e a notícia de que o vaqueiro havia partido, ficou tranquila.

— Teve medo e não se atreveu a regressar sem ter cumprido a missão — disse Katty ao antigo ajudante.

Depois de conversarem com a dona do rancho, o xerife e os ganadeiros ficaram convencidos que ali não havia gado roubado nem homens procurados pela Lei.

— É a campanha que têm feito aqueles que se dedicaram a roubar o nosso gado — disse um ganadeiro — e todos nós acreditamos que isso era feito pelos homens deste rancho.

— Claro que as visitas do capataz à povoação, eram violentas.

— Por tua ordem, não é assim, Katty? — observou Dan. — Gostavas que os teus homens fossem temidos.

— Não é verdade.

— E agora deves dar-me conta da forma como tu e o capataz vendiam o gado.

— Vais-me pedir contas?... Mãe!

— Tens que lhe dar contas de tudo. Ele é o encarregado.

— E eu sou tua filha... A dona.

— Sabes que não és minha filha. E todos sabem que querias obrigar-me a assinar um documento para depois me matarem!...

— Como sei que pagava para que me matassem nessa viagem — acrescentou Dan. — Mike, encarrega-te desse ajudante!...

— Há já uns minutos que foi enforcado. Antes, confessou que foi Katty quem planeara a morte da patroa depois do documento assinado.

Katty demonstrou ser perigosa, pelo que obrigou Dan a encher-lhe o rosto de chumbo.

★

— ...e tive que permanecer duas semanas no rancho. Mike foi nomeado encarregado geral.

— E sobre esse amigo?

— Não sabia nada. Procurei o Mike para nada. Já escrevi no sentido de venderem o meu rancho. Agora é possível que saiba alguma coisa acerca do Emil. Sei em que prisão esteve. Deve lá estar o endereço da família. Mas vou fazer isso por carta. Não quero mais complicações.

— Isso quer dizer que sairás daqui, não é? — perguntou Tony. — É muito trabalho para mim atender a duas coisas.

— Quando é o casamento?

— Já pedi a exoneração. Espero que não levem muito tempo a aceitá-la.

— E quando principias tu a procurar companheira?

— Não tem que procurar — disse a irmã. — Há tempos que a Rosa e ele...

— Vocês estão loucos... — protestou Dan a rir, enquanto abandonava a sala de jantar.

FIM

Transportado pelos
Caminhos de Ferro Portugueses

Você pode conquistar o futuro

tudo depende das suas habilitações

O futuro pertence aos técnicos. Agora, você tem ao seu dispor cursos de especialização concebidos segundo os mais modernos métodos de ensino. Poderá estudar em sua casa, durante os tempos livres. Escolha um dos nossos cursos — e conquiste o futuro:

INGLÊS	RÁDIO E TV
DESENHO DE CONSTRUÇÃO	ELECTRICIDADE
DESENHO DE MÁQUINAS	ORGANIZ. ADM. DE EMPRESAS
INFORMÁTICA	CONTABILIDADE

GRATUITAMENTE, desejo receber sem compromisso informações detalhadas sobre o curso que indico.

Curso _____

Nome _____

Morada _____

Localidade _____

End. emprego _____

Idade _____ anos _____

CENTRO DE INSTRUÇÃO TÉCNICA
R. D. Estefânia, 32
1066 LISBOA CODEX

A preencher pelos nossos serviços
1 14056

cit

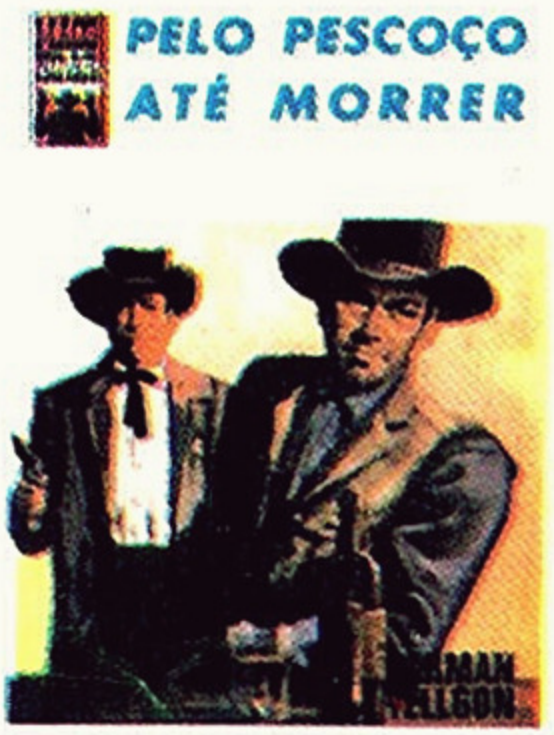
CENTRO DE INSTRUÇÃO TÉCNICA
ENSINO TÉCNICO À DISTÂNCIA

HOJE MESMO
preencha e envie este cupão sem compromisso

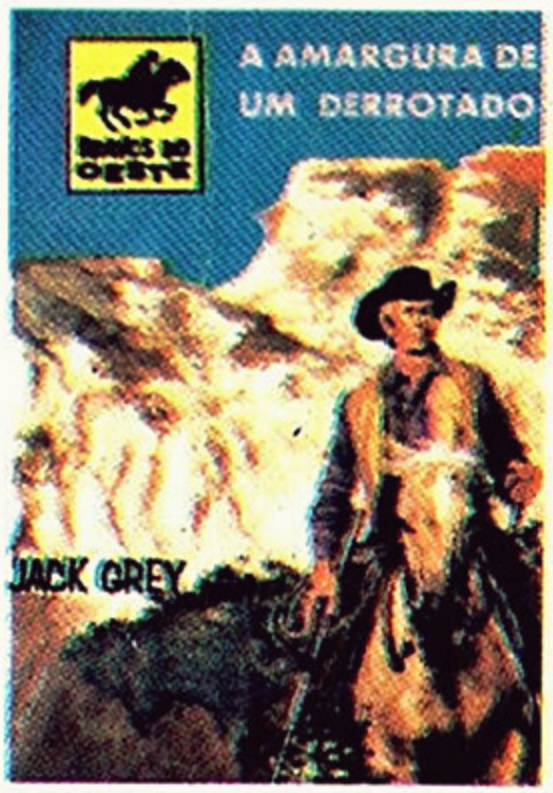
LEIA NAS NOSSAS COLECÇÕES DE BOLSO

ARIZONA

MÃOS NO AR



BRAVOS DO OESTE



BÚFALO

garganta dos fantasmas

EDIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DA

AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS